

PQ9261 .C4 1927

UNIV. OF ARIZONA

Castro, Eugenio de/Obras poeticas mn



3 9001 03995 3552



Digitized by the Internet Archive
in 2024

OBRAS POÉTICAS
DE
EVCÉNIO DE CASTRO



VOLUME I

PARISTOS · HORAS ·
SILVA

LVMEN

OBRAS POÉTICAS

DE

EUGÉNIO DE CASTRO

OBRAS POÉTICAS

DE

EUGÉNIO DE CASTRO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Real Academia Espanhola,
da Academia Brasileira de Letras, etc.

EDIÇÃO COMPLETA E DEFINITIVA

PRIMEIRO VOLUME: Oaristos — Horas — Silva.

SEGUNDO VOLUME: Interlúnio — Belkiss — Tiresias.

TERCEIRO VOLUME: Sagramor.

QUARTO VOLUME: Salomé e outros poemas — A Nereide de
Harlem — O Rei Galaor — Saudades do Céu.

QUINTO VOLUME: Constança — Depois da Ceifa — A Som-
bra do Quadrante.

SEXTO VOLUME: O Anel de Policrates — A Fonte do Sátiro.

SÉTIMO VOLUME: Poesias de Goethe — O Filho Pródigo —
O Cavaleiro das mãos irresistíveis.

OITAVO VOLUME: Camafeus romanos — A Tentação de São
Macário — Canções desta negra vida.

NONO VOLUME: Cravos de papel — A Mantilha de medro-
nhos — A caixinha das cem conchas.

DÉCIMO VOLUME: Descendo a encosta — Chamas d'uma
candeia velha.



EUGÉNIO DE CASTRO

RETRATO A ÓLEO, POR CARLOS REIS
(1923)

OBRAS POÉTICAS
DE
EVGÊNIO DE CASTRO



VOLUME I

PARISTOS · HORAS ·
SILVA

LVMEN



NOTA PREAMBULAR

CHEGUEI à idade em que, para os homens, cada novo dia começa a ser um novo favor do Destino, e em que, por isso, todo o homem de juízo deve arrumar os seus negócios espirituais e temporais, como se estivesse às portas da morte, embora a sua boa disposição o vá lisonjeando ainda com a promessa de muitos mais anos de vida.

Foi êste critério, nascido de uma longa, melancólica mas proveitosa experiência, que, há tempos, despertou em mim o desejo de fazer uma revisão e correcção geral das minhas *Obras poéticas* e de as republicar depois numa edição completa, uniforme e

definitiva. Retardado por diversos empecilhos, alheios à minha vontade, o meu propósito só hoje entra no campo das realidades, com o aparecimento do presente volume, que, se Deus quizer, será seguido, em curtos prazos, por mais nove. Nos dez, ficarão ardendo as brasas ou, se estas se apagarem, guardadas as cinzas de uma ardente aspiração de beleza, imperfeitamente balbuciada talvez, mas apaixonadamente sentida, e que foi, depois dos affectos do meu lar, que êsses pairam acima de tudo, o encanto e a razão da minha vida.

Coimbra, 17 de Novembro de 1926.

EUGÉNIO DE CASTRO.



I

Oaristos

BIBLIOGRAFIA

A primeira edição de *Oaristos*, datada de 1890, foi impressa em Coimbra, na tipografia de Manuel Caetano da Silva, e lançada no mercado pela livraria de Manuel de Almeida Cabral, da mesma cidade.

A segunda edição apareceu dez anos depois, em 1900, sendo publicada pelo editor Francisco França Amado, também de Coimbra.

Dêste livro há uma tradução espanhola, incluída nas OBRAS DE EUGÉNIO DE CASTRO, *version castellana de Juan G. Olmedilla* (Editorial Castilla, Madrid, 1922), com admiráveis ilustrações de Juan José García.



PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A mãe que amamenta um filho esquece-se um pouco dos mais velhos, da mesma sorte que o escritor, todo afogado na composição de um novo trabalho, esquece, quando não chega a desprezar, aqueles que já estão concluídos e publicados, isto pela simples razão de que o nosso melhor livro é sempre aquele que ainda não escrevemos. Assim se explica o hábito que tenho de não reler as minhas obras impressas, a não ser por circunstâncias excepcionais, e especialmente o facto de se haverem passado nove anos sem que eu, uma vez sequer, folheasse os *Oaristos*.

Quando ontem abri um exemplar dêste livro, antes de o mandar para a tipografia, onde vai servir de modelo à segunda edição, confesso que senti o receio do pai que recebe uma carta com

o carimbo da terra onde um dos seus filhos pratica de quando em quando a sua estroinice. Êsse temor desfez-se, porém, num relâmpago. O livro que tão profundamente desconsertou o espírito comodista dos meus compatriotas, feroz inimigo de tudo o que possa quebrar o sono em que êles se deleitam de contínuo, o livro que tanta celeuma levantou na imprensa e fez estourar tantas girândolas de injúrias, êsse livro irreverente e estouvado é hoje um livro pacato e sisudo, uma pessoa normal, bem comportada, capaz de inspirar confiança a um índio.

¿Foi êle que se regenerou? ¿Foi o tempo que mudou? Não!

O corte e as drogas do vestuário com que se apresentou há nove anos, as flores, até aí nunca aspiradas, da sua boteeira, o perfume até então nunca aspirado, do seu lenço, o laço da sua gravata e as pedras dos seus anéis, tudo isso constituiu um verdadeiro escândalo entre as uniformes sobrecasacas pretas, os óculos uniformes e os uniformes lenços tabaqueiros dos seus colegas consagrados ou em via de consagração. Dissipado, porém, o estupor do primeiro momento, aqueles que mais assanhadamente tinham verberado o petulante inauditismo do meu livro começaram a olhá-lo com curiosidade, miraram-no e remiraram-no, miraram-se e remiraram-se

depois, e por fim, a pouco e pouco, gradualmente, foram-lhe tomando as maneiras, a côr das luvas, o geito do penteado e a forma do chapéu, até o ponto de poderem ser confundidos com o atrevido revolucionário.

A verdade é esta: literariamente, bem pode ser que os *Oaristos* nada valham, mas, historicamente, ninguém se atreverá a negar-lhes um importante e duradouro lugar na literatura portuguesa do século que finda.

Há neste volume uma forte dose de exagêro, que muitos atribuíram a um juvenil desejo de *épater le bourgeois*, mas que, rigorosamente, deve ser explicada pela necessidade de sublinhar com um violento traço vermelho a estagnada vulgaridade das formas poéticas de então.

O efeito da minha tentativa excedeu em amplitude e rapidez os cálculos que eu próprio tinha deitado. Quási todos os meus camaradas, novos e velhos, alguns no galarim, tomaram pelo caminho que eu desbravara. A mobilização da cesura nos alexandrinos, e a dos acentos clássicos no decassílabo, o esmero no emprêgo das rimas, a escolha rigorosa dos epítetos, o alargamento do vocabulário, a restauração dos moldes arcaicos, o verso livre, a aliteração: — todas essas inovações, iniciadas nos *Oaristos* e continuadas depois nas *Horas*, são hoje formas cor-

rentes na poética nacional, que, evidentemente, saíu, por via delas, da paralisia que a entrevara.

Não me envaideço com o resultado da minha tentativa. A revolução impunha-se e a sua direcção estava indicada. Se eu tivesse acordado um pouco mais tarde, em vez do papel de corifeu, decerto me caberia apenas o de sectário. Não criei a árvore, elegeu-me, porém, o destino para a plantar. Não me envaideço; atentando porém nos lindos frutos que a árvore hoje produz, regozijo-me intimamente por ver abençoado o empenho que me animava quando publiquei a primeira edição dos *Oaristos*, o empenho de ser útil à minha arte e à minha terra.

Coimbra, 30 de Setembro de 1899.

EUGÉNIO DE CASTRO.





SÔBRE A PRIMEIRA EDIÇÃO

A GRADEÇO-LHE muito o vivo prazer de espírito que me deu a leitura do seu livro *Oaristos*. Os mestres hão-de necessariamente desgostar-se com o que há de extremamente ousado, de imprevisto, de premeditadamente anormal na sua estética, no seu estilo e na sua metrificação. Pela minha parte acho que essa audácia fica bem aos moços quando estes a sabem sustentar, como nos seus versos. O que me faz desesperar do destino dos jovens escritores é a correcta mas senil tendência para a submissão à banalidade e à rotina.

RAMALHO ORTIGÃO.

♦♦♦♦

A impressão que o seu livro me deixou é a de muito talento e muita novidade. Do talento os mesmos velhos gostam, agora as novidades é natural que as estranhem as cabecinhas calvas. Mas a minha estranheza é sem

protesto, por ver que se há novidades que são moda e passam, como o gongorismo, há novidades que são progresso, e eu não as sei distinguir umas das outras. Não sei o que há no seu livro de efêmero e duradouro, mas se ali há latão por ouro, como a sua intenção não foi enganar ninguém, em vendo que o latão se enzinabra fará obra mais preciosa. Por isso de novo o felicito, porque até os anjos cantam glória aos homens de boa vontade, e ninguém lhe pode negar o empenho de cantar nobremente.

JOÃO DE DEUS.

♦♦♦♦

O primor com que V. cinzela conheço eu de há muito — por isso lhe não dou aqui parabens. Mas há uma independência tam elegante da rotina nestes seus formosíssimos versos, que me obriga a escrever-lhe imediatamente, para lhe manifestar por esta forma o entusiasmo que me causou, e que me há-de levar a repetir por várias vezes a leitura dos *Oaristos*.

VISCONDE DE OUGUELA.

♦♦♦♦

O seu livro sôbre apresentar uma tendência de novo, uma ânsia de remodelação poética que vai por vezes até à histeria da imagem e do ritmo, fez-me encontrar em plena pujança aquele coração de sonhador boémio, que eu lhe conheci tão bem em Lisboa, meu caro Eugénio de Castro, e me fez da sua estima e convivência uma das mais transparentes recordações da minha vida literária. Deve você ter lido as *paródias* das *Novidades*. Como algumas têm graça, você facilmente deve ter-lhes perdoado o pouco de azedume que há por trás delas, e ao mesmo tempo chuchurriado orgulhosamente a causa ini-

cial dessas pequenas sátiras — isto é, a surpresa que sempre lança em plena rotina o portador de qualquer cousa de inédito e de insubmisso.

FIALHO DE ALMEIDA.

♦♦♦♦

Os *Oaristos*, à parte as preocupações da escola, denunciavam um talento poético de primeira ordem; representam a obra de um escritor genial e eminentemente moderno.

J. SIMÕES DIAS.

♦♦♦♦

...Mas que havemos de nós dizer mais, agora, do celebrado autor de *Oaristos*, que não esteja dito e redito, e em todas as províncias intellectuais tenha adquirido foros de cidade? Toda a gente sabe o brilhante papel renovador que ao autor da *Belkiss* cabe na actual maneira poética portuguesa. Tendo hasteado o pendão da revolta, todo arrebicado em louçanias de frases, em temas exóticos, em termos bárbaros, breve desceu da exteriorização, do decorativo, à comovida investigação das almas; e nesse momento paralelamente, ao deslumbramento succedeu na multidão o mais decidido e fervoroso entusiasmo pela estrêla nova que apontava... O próprio Junqueiro sofreu a influência dêsse petulante e imberbe *pontifex maximus* da rima. Nada mais é preciso dizer para lhe autenticar a incontestada e suprema hierarquia.

ABEL BOTELHO.

♦♦♦♦

Oaristos et sa préface en 1890, puis de plus en plus *Horas*, *Silva*, *Interlúnio*, témoignent non seulement de l'éclatante richesse et de la variété de son talent, mais

de l'originalité de ses tentatives d'acclimatation. À la fois précurseur et initiateur, le voici devenu le chef de la jeune école portugaise, désormais convertie par lui, et par lui seul, à ce que l'on est convenu d'appeler le «symbolisme»¹.

L. PILATE DE BRINN'GAUBAST.



¹ Trecho do discurso de Mr. Brinn'Gaubast, pronunciado no banquete oferecido a Eugénio de Castro e realizado em Paris, a 15 de Junho de 1896, sob a presidência de Mr. Catulle Mendès.



PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O autor dêste livro não espera o favor do público nem os louvores da imprensa: o público deixará que os *Oaristos* amareleçam nas montras dos livreiros, a imprensa encontrará ocasião de exhibir a sua talhante e acutângula dicacidade.

A despeito, porém, dessa dicacidade e dessa indiferença, o Poeta saberá ficar tranqüilo, consoladamente consciente de que fez um livro *honrado*.

Com duas ou três luminosas excepções, a Poesia portugueza contemporânea assenta sôbre algumas dezenas de coçados e esmaiados *lugares comuns*.

Tais são:

*olhos cór do céu, olhos comparados a estré-
las, lábios de rosa, cabelos de ouro e de
sol, crianças tímidas, tímidas gazelas,
brancura de luar e de neve, mãos patri-
cias, dentes que são fios de pérolas, colos
de alabastro e de cisne, pés chineses, rou-
xinóis medrosos, brisas esfolhando rosas,
risos de cristal, cotovias soltando notas
também de cristal, luas de marfim, luas
de prata, searas ondulantes, melros far-
çolas assobiando, pombas arrulhadoras,
andorinhas que vão para o exílio, ma-
drigais dos ninhos, borboletas violando
rosas, sebes orvalhadas, árvores esquelé-
ticas, etc.*

No tocante a rimas, uma pobreza franciscana: *lábios* rimando sempre com *sábios*, *pérolas* com *cérulas*, *sol* com *rouxinol*, *caminhos* com *ninhos*, *nuvens* com *Rubens* (?), *noite* com *açote*; um imperdoável abuso de rimas em *ada*, *ado*, *oso*, *osa*, *ente*, *ante*, *ão*, *ar*, etc.

No tocante a vocabulário, uma não menos franciscana pobreza: talvez dois terços das palavras, que formam a língua portuguesa, jazem abscon-

sos, desconhecidos, inertes, ao longo dos dicionários, como tarecos sem valor em lojas de arrumação.

Tais são as *rails* por onde segue num monótono andamento de procissão o combóio *mixto* que leva os Poetas portugueses da actualidade à gare da POSTERIDADE, Poetas suficientemente tímidos para temerem o vertiginoso correr do *expresso* da ORIGINALIDADE.

Inexperiente, o autor dos *Oaristos* teve um dia a cândida ingenuidade de se meter nesse moroso *mixto*: cinco anos suportou a lentidão da viagem e a má companhia, até que uma e outra começaram a incomodá-lo de tal maneira, que resolveu mudar para o supracitado *expresso*, preferindo dêste modo um descarrilamento à secante expectativa de ficar eternamente parado na concorridíssima estação da VULGARIDADE.

Depois daquela resolução, o primeiro acto praticado pelo Poeta foi a rescisão do contrato feito com a casa Guillard-Aillaud, de Paris, que lhe tomara a edição de um livro, *Novas Poesias*, para o qual Columbano Bordalo Pinheiro, o nosso primeiro Pintor, começara algumas pre-

ciosas ilustrações, para o qual João de Deus, o nosso primeiro Poeta, escrevera esta penhorante

CENSURA

«*Tem fantasia, coração sensível*
«*E, apesar de baixinho, ergue-se ao nível*
«*De mais dum escritor, que em verso e rima*
«*Ai cultiva a língua com primor.*

«*Como qualificador*
«*(Por comissão e favor),*
«*Amigo e admirador,*
«*Voto que a obra se imprima.*

«*Taxá-la... taxe o leitor.»*

Inutilizou todos os trabalhos feitos, determinou recommençar, por um caminho, que não fôsse a rotina, e fixou, como suprema ambição, a glória de poder um dia repetir com consciência as nobres palavras de Musset: «*mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre*».

Os *Oaristos* são as primícias dessa nova *maneira* do Poeta.

Registrando:

Êste livro é o primeiro que em Portugal aparece defendendo a liberdade do Ritmo contra os dogmáticos e estultos decretos dos velhos prosodistas.

AS ARTES POÉTICAS ensinam a fazer o alexandrino com cesura imutável na sexta sílaba. Desprezando a regra, o Poeta exhibe alexandrinos de cesura deslocada e alguns outros sem cesura. Tal fizeram em França, Francis Vielé-Griffin e Jean Moréas. Falando dêste, o crítico Felix-Fénéon escreveu: *«Moréas répudie toute «règle préétablie pour la contexture de ses vers, «ne veut pas les jalonner d'équidistantes césures: «apparente revolte, qui n'est qu'une soumission «plus féale aux lois de la logique, et qui l'astreint à calculer pour chaque vers une corrélation entre la position des syllabes toniques, «la donnée thématique et les intervalles. Tels «les maitres impressionistes, qui, au lieu de préparer sur la palette la valeur d'un morceau «en un bas mélange où s'aveulissent les couleurs, «les trouvent sur la toile par l'action des tons «purs les uns sur les autres».*

Os alexandrinos são lançados em parelhas, mas os últimos quatro versos de cada poema têm (tal se faz nos tercetos) suas rimas cruzadas. Salvo êrro, é a primeira vez que assim se corta o alexandrino.

Pela primeira vez, também, aparece a adaptação do delicioso ritmo francês, *rondel*.

Introduz-se o desconhecido processo da *aliteração*: veja-se o poema xi e muitos versos deramados ao longo desta silva.

Ao contrário do que por aí se faz, ornaram-se os versos de rimas raras, rutilantes: na mais extensa composição, a composição iv, que tem cento e sessenta e dois alexandrinos, não se encontra uma única rima repetida.

O vocabulário dos *Oaristos* é escolhido e variado. Algumas palavras menos vulgares darão certamente lugar aos comentários cáusticos da *crítica*. Embora.

O Poeta empregou êsses raros vocábulos:

em primeiro lugar, porque às fastidiosas perifrases prefere o termo *preciso*;

em segundo lugar, porque pensa, como Baudelaire, que as palavras, independentemente da idea que representam, têm a sua beleza própria. Assim: *gomil* é mais belo que *jarro*, *cerusa* mais belo que *alvaiade*, etc.;

em terceiro lugar, pela simpatia que lhe merece êsse estilo chamado *decadente*, que tão bem definido foi por Théophile

Gautier: «*style ingénieux, compliqué, savant, plein de nuances et de recherches, reculant toujours les bornes de la langue, empruntant à tous les vocabulaires techniques, prenant des couleurs à toutes les palettes, des notes à tous les claviers, s'efforçant à rendre la pensée dans ce qu'elle a de plus ineffable, et la forme en ses contours les plus vagues et les plus fuyants, écoutant pour les traduire les confidences subtiles de la névrose, les aveux de la passion vieillissante qui se déprave et les hallucinations bizarres de l'idée fixe tournant à la folie... Ce n'est pas chose aisée, d'ailleurs, que ce style méprisé des pédants, car il exprime des idées neuves avec des formes nouvelles et des mots qu'on n'a pas entendus encore...*».

Tais são, sumàriamente, as capitais inovações que êste livro apresenta.

Coimbra, 10 de Janeiro de 1890

*Ardent oaristys dont le dénoue-
ment chaste est plus brulant
que tout autre imaginable...*

PAUL VERLAINE.



I

TRIUNFAL, teatral, vesperalmente rubro,
Na diáfana paz dum poente de outubro,
O sol, esfarrapando o incenso dos espaços,
Caminha para a morte em demorados passos,
Como as bandas que vão a tocar nos enterros...
E, surgindo detrás de acuminantes serros,
Melancòlicamente, a lua de mãos belas,
Tecedeira do azul, tece, num tear de estrêlas,
Um lenço branco, um lenço alvíssimo e brilhante,
Para acenar com êle ao sol, seu ruivo amante...

Sôbre o verde jardim caem penumbras lentas.

Em seus vasos de louça, as flores sonolentas
São berços embalando o dormir dos insectos;
A alma dum arroio, entre avencas e fetos,
Suspirosa, murmura em cascavéis de prata;
Velha Níobe, chora ao longe uma cascata;
Explendem girassóis como fulvas custodias;
Passam no éter brando as pastorais monodias;

E à flor dum lago, onde o sol cai em flavos feixes,
E onde passam legiões de escarlatinos peixes,
À flor dum lago azul, circundado de buxo,
Simbólico, real, levanta-se um repuxo,
Como uma grande flor de cristal a cantar!

Foi numa hora assim, mansa, crepuscular,
Que ao longo desta longa e folhosa alameda,
Altiva, imperial, entre um rugir de sêda,
Vi pela vez primeira a Eleita de minh'alma,
A grande Flor subtil, inegalável, alma,
A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Única!

Vinha gloriosa e triste, envolta em negra túnica,
Que no chão se rojava em ondulantes dobras,
Tinha no calmo andar a elegância das cobras,
A leveza dum silfo e a graça duma ânfora,
E, assim como num golpe um alvo pó de cânfora,
O seu olhar fazia doer, olhar profundo.

Eu era nesse tempo um grande vagabundo,
Um precoce infeliz, viúvo de ilusões;
O sinistro fragor das mundanas paixões
Não chegava de há muito a meus ouvidos lassos;
O egoísmo, o grande rei, cingira-me em seus braços;
De ninguém tinha dó, de ninguém tinha inveja...
Contemplando de longe a sórdida peleja,
Esta infrene peleja, a que chamamos *vida*,
Seguia, alheio a tudo e de cabeça erguida,
Tendo um único irmão: o meu gelado orgulho.
A Dúvida, funesto, ardente sol de Julho,
Queimara, rudemente, a flor da minha crença;
Em meu peito reinava a fria indiferença;

Tinha descarrilado o vagão dos meus sonhos;
Meus dias eram maus, longuíssimos, tristonhos,
Ensopados de névoa e de melancolia...

Mas, ao vê-la surgir triunfalmente fria,
Gracil como uma flor, triste como um gemido,
Meu peito recobrou o seu vigor perdido,
Todo eu era contente e alegre como um rei!
E, cheio de surpresa, abismado, fiquei
A olhar o seu perfil e o garbo do seu colo,
Cheio de admiração, como um homem do polo
Quando, depois de ter suportado os reveses
Duma noite cruel e fria de seis meses,
Iluminando enfim os tenebrosos trilhos,
Vê surgir, entre a neve, o sol com ruivos brilhos!

O céu fulgia como a cauda dum pavão.

Aos seus cabelos reais prendiam-se no chão,
Triste e amorosamente, as pálidas folhagens,
Emquanto os olhos meus, seguiam como pajens,
O seu rítmico andar sonâmbulo e moroso...

Assim me apareceu o Lírio tenebroso,
Cujo ar desprezador me fere e vampiriza,
Criatura esfingial, triste como Artemiza,
Vingativa, feroz e linda como Fásis,
Flor cujo corpo é o aprilino oásis,
O caravançar que, por noites insanas,
Vão demandando embalde as longas caravanas,
As caravanas dos meus nómades desejos...
Assim eu vi brilhar seus olhos malfazejos,
Assim me deslumbrou a graça do seu busto!

Hoje venho cantar em verso nobre e augusto
Seus álgidos desdéns, tão frios como um túmulo,
E seu corpo que é a quinta-essência, o cúmulo
Da esbeltez, do frescor, da graça feminina.

— *Flor bizarra, que eu vi à hora vespertina,
Flor marcescente, que eu constantemente sigo,
Flor, que olho sem cessar, como um estilista antigo,
Olhando o flavo sol, de pé, numa coluna,
Flor de trigueiras mãos, de cabeleira bruna,
Em teu regaço ponho êste livro a ti feito,
Êste livro febril, que delira e que mostra
Um desvairado amor agarrado ao meu peito,
Rara pérola azul agarrada a uma ostra !*

Coimbra, 5 de Novembro de 1889.





II

EM verso vou cantar o meu Diamante preto!

Do mais gracil, estranho e bizantino aspecto,
Flexível como um junco e esbelto como um fuso,
Seu núbil corpo tem, num dualismo confuso,
A finura do lírio e o garbo das serpentes;
Soberba e esguia, com seus passos indolentes,
Quando caminha, lembra uma tulpia a andar;
Lenta e subtil, parece até que vai no ar,
Como um caule de flor, levada pela aragem;
Basta vê-la uma vez para que a sua imagem
Leve, tão leve como os perfumes e o som,
Fique vibrando em nós, eternamente, com
A doçura sem par duma voz que se extingue...

Franzino e original, o seu corpo é um moringue
Em cujo colo estreito alguém tivesse pôsto
Um moreno botão de rosa-chá, — seu rosto,
Gracil botão que exala uma essência secreta,
Botão onde pousou nocturna borboleta
Com azas negras, muito negras, — seus bandós.

Sua desfalecida e liquescente voz,
Dorida como um ai e lassa como um canto,
Sua lânguida voz, maravilhoso encanto,
De que Ela tem o amavioso monopólio,
É um fio de veludo, um suavíssimo óleo:
Suave, a sua voz suave se derrama...

Seu hálito infantil endoidece e embalsama,
Subtil como o ananás, forte como um veneno.

Seu pescoço sem par é um cortiço moreno,
Que os meus desejos vão circundando em colmeia.

Tem música no andar, quando à tarde passeia
Do seu alto balcão nos marmóreos losangos.

A sua boca é um sorvete de morangos.

Seu magro busto oval brilha, como um santelmo,
Sob o seu penteado, êsse ebânico elmo
Pesado e nocturnal, com reflexos azúis.

Seu gesto excede em graça as larvas dos paúis,
Que em curvos vôos vão voando à flor dos pântanos.

Tem as unhas de opala; o seu riso quebranta-nos;
Vibrante de coral, seus cílios são de sêda;
Seu capitoso olhar é um vinho que embebeda;
Seus negros olhos são duas auroras negras!

Original, detesta as convenções e as regras;
Ama o luxo, o requinte e a excentricidade,
Faz tudo o que lhe apraz, impõe *sua* vontade,
Diz o que sente, sem lisonja, sem disfarce.

Cousa que muito poucos têm, sabe domar-se:
Como é medrosa, a fim de ver se perde o medo,
Às quietas horas do Mistério e do Segrêdo,
Percorre longos, funerários corredores,
Onde pairam, chorando as suas fundas dores,
Fantasmas glaciais, errantes e protervos!
Nervosa, com o fim de subjugar seus nervos,
Corta as unhas em bico, à guisa de punhais:

— Chega mesmo a morder pedaços de veludo!

Detesta o movimento, as expansões e tudo
O que possa alterar o seu viver inerte;
Não costuma sair; sonha; não se diverte;
Seus raros gestos são cheios de bizzarria,
Finos, excepcionais, sem par.

Pedi-lhe um dia

Que me dissesse qual é o sonho singular,
O sonho que Ela mais quisera realizar,
Aquilo que Ela mais desejaria ter,
Ao que Ela respondeu:

— «Desejava viver

«No polo norte, numa estufa de cristal!»

Odeia a luz: ama a penumbra vespéral...
Odeia o piano: adora o som lento do órgão..
E suas finas mãos que bem raro me outorgam
A permissão de as oscular, suas mãos finas,
As suas mãos arquiducais, longas, divinas,
Não sustiveram nunca o pêso duma agulha.

Ama os perfumes e as visões; odeia a bulha;
Seu corpo estonteante e lânguido que exala
Doces e sensuais aromas de Sofala,

Do Cairo, do Japão, do Iemen e da Pérsia,
Seu corpo sensual foi feito para a inércia:
— Até para falar às vezes tem preguiça!

Tal é a fria Flor taciturna, insubmissa,
Cujos olhos astrais cortam como estiletos,
Tal é a bem Amada impassível, trigueira,
Cujos olhos astrais — agudos alfinetes,
Ferem meu coração — dorida pregadeira!

Coimbra, 15 de Novembro de 1889.





III

TODA a câmara tem um ar lento de estufa.

Como pálpebra lassa, a misteriosa adufa
Protege maternal a janela, e só deixa
Entrar da luz dourada uma ténue madeixa,
Loura madeixa que, passando, atravessando,
Num discreto fulgor aveludado e brando,
O *transparente*, que é dum verde intenso e agudo,
Se faz verde também e torna verde tudo.

Ora, além dessa luz, a côr que predomina
Na ornamentação aquosa e cerebrina
Dêste morno salão, essa côr é a verde.

De tal maneira, quando o meu olhar se perde
A olhar, a analisar o que tenho em redor,
Desde o verde gomil, onde uma verde flor
Encurva seu pescoço em morosa atitude,
Até ao cetim verde, antipático e rude,
Dos resposteiros e dos longos espaldares,
Quando, ébrio de côr, passeio os meus olhares

Desde os bronzes subteis moldados em Florença,
Desde o espelho, que lembra uma lagoa imensa,
Té à sêda do muro ornada de grinaldas,
Parece-me ver tudo através de esmeraldas!

É nessa requintada e exquisita atmosfera
Que eu vejo ao fundo a grande e triste Flor severa,
A desdenhosa Flor sonolenta e sublime,
Que me acusa de A amar como de um grande crime.

Quebrantado, tolhido em seu torpor constante,
Seu corpo insexual de efebo e de bacante
Tem a graça dum caule e a esbeltez das abelhas;
Recurvadas, em til, as suas sobranceiras
Scintilam de surmeh, e seus olhos de lince,
Gelados como o olhar dum sábio que destrince
Um problema cruel, são retintas amoras.

Distraída, folheia um velho livro de *Horas*,
Florido de ogivais, áureas iluminuras,
Onde há Santos sorrindo em místicas posturas
E Serafins tocando o címbalo e o ascior.

A minha Flor polar, para admirar melhor
Êsse livro que tem o brilho dos santuários,
Fez acender ao pé de si dois lampadários.
O da direita tem o globo roxo e tinge
Metade do seu busto inefável, de esfinge,
Com uma arroxçada, avioletada tinta:
O da esquerda possui o globo azul e pinta
Dum vivo azul a parte esquerda do seu rosto.

Efeito excepcional!

Ó côres do sol pôsto,

Ó côres que cegais em fervente lampejo,
O que sois vós ao pé disto que agora vejo?
Ao pé disto o que sois, belos caleidoscopos?
E tu dourado Sol, ó Rei dos heliotropos,
Tu que fazes andar teus súbditos à roda?

A perfumada alcova é toda verde, toda...
E de cabelos sob um véu pesado e frouxo,
Êsse busto adorado, êsse busto secreto,
Surge — metade azul e outra metade roxo...

— Túlipa bicolor do mais bizarro aspecto!

Royan, 28 de Julho de 1889.





IV

CASAMENTO real. Um dia de turquesa.
Passa o cortejo. A noiva, alta e fina Princesa,
Ciclame róseo duma clara formosura,
Tranças de ouro tostado, olhos de ágata escura,
Frágil como um jasmim que o vento sobressalte,
Bôca em sorriso, dum delicioso esmalte,
Diamantes no colar, nos brincos e no broche,
Destaca, branca, sôbre o carmezim dum coche
Mandado construir por El-Rei D. João V.

Flavo como um licor das vinhas de Corinto,
O eterno sol, o velho sol parece novo...
Murmurantes, a arfar, duas orlas de povo
Bordam, cheias de côr, a rua onde o cortejo
Vai lento a caminhar, num contínuo lampejo,
Num vivo fulgurar de ouro e de brocatéis.

Pajens de ingénuo olhar e com trunfas de anéis,
Reis de estranhas nações, Infantas sensitivas,
Espumeos falvalás, bôcas aperitivas,

Marquesas, Cortesãos e Príncipes brilhantes,
Louras Damas de honor, Heraldos, Passavantes,
Fidalgos, o Cardeal com vestes côr de vinho,
Tricornes e librés, alvos mantos de arminho,
Tudo isto passa, numa extensa serpentina,
Em quanto a tarde azul e dourada declina,
Em quanto ferve, rubro, em brilhos aurorais,
O metálico som das bandas marciais...

*

À noite, morto o sol num poente de escabiosa,
O povo, numa onda imensa e curiosa,
Do cais ao longo, admira o fogo de artifício.

Eis-me também na onda.

A Honestidade e o Vício,
Farda, véstia, gabão, fraque, sotaina e blusa,
Rostos lascivos com esmaios de cerusa,
Rostos virgens, liliais, de ambreados tons de cera,
Bôcas frias, sem côr, bôcas em primavera,
Tranças andrinas e tranças acervejadas,
Mãos suplicando e mãos de gemas consteladas,
O Incompreendido, o Padre e a Costureira honesta,
— Tudo o que uma cidade enorme, como esta,
Contém dentro de si, do seu disforme ventre,
Tudo o que existe, tudo o que formiga entre
Os seus bairros, os seus jardins, as suas praças,
Desde a Opulência às mais recônditas Desgraças,
Desde o Ladrão mais vil ao Banqueiro mais nédio,
Desde a saúde em flor à doença sem remédio,
Tudo isso despovoou Lisboa e anda agora
A polular aqui numa vaga sonora,

Numa promiscuidade incoerente, infame...
No escurecido azul, das estrêlas o enxame
Rodeia a lua num fulgurar insubmisso,
Como abelhas de prata em redor dum cortiço...

*

Começa o *fogo*.

Ao ar cupulado e disforme,
Como um repuxo em flama, a arder, sobe uma enorme
Girândola que, albente e viva, se desfaz
Em prantos de esmeralda, em flores de lilás,
Em gotas de diamante e pingos de escarlata.

Grandes cobras de luz hialina, de prata,
Vermiculam o céu, doidamente, sem rumo,
Deixando atrás de si outras cobras de fumo,
E branqueando um instante a cidade sombria
Com tamanho vigor que até parece dia...
De súbito, porém, apagam-se essas cobras...
E Lisboa recai nas pardacentas dobras
Duma grande penumbra impenetrável.

Nisto,

Sobem de novo ao céu, num fulgor imprevisto,
Novas cobras de luz, e de novo a cidade
Ressurge em nupcial e polar claridade
E torna a recair na habitual penumbra!

Cheira a pólvora. O fumo sobe. O céu deslumbra.
Raiaam do Tejo à flor vermelhidões de incêndio.
Duma banda o clangor ala-se ao ar e fende-o
Com grandes vibrações metálicas, de cobre.
Uma nuvem morena, aperolada, encobre

A lua dum palor leitoso, de algodão...
Troam morteiros: e na espessa multidão
Cruzam-se doidamente, epilèpticamente,
Num grande borborinho innervante e fremente,
Murmúrios, risos, ais, imprecações, apupos...

*

Eu no entretanto vou analisando os grupos.

Muitos petizes dum aspecto nauseabundo,
Hipnotizados, sem falar, olhar profundo,
Embrionários ladrões, pervertidos e arteiros,
Circunvagam, scismando, ao pé dos tabuleiros
Onde há favas, pastéis e queijadas de Sintra.

Um sicofanta rôto, esquálido, pelintra,
A um sujo grupo expõe o seu ideal político;
Fala da escravidão, com gesto apocalíptico,
Roga pragas a Deus, à Rainha, aos Ministros,
E, abrindo e dilatando os seus olhos sinistros,
Raivosos e fatais, ígneos como ferretes,
Diz: — *O povo tem fome e o Rei deita foguetes!*

Nada pela atmosfera um nevoeiro branco.

Súbito, junto a mim, vaga um lugar num banco;
Sento-me nêle, ao pé dum homem novo ainda
E dama rapariga, imensamente linda,
Em cujos braços dorme um lindo pequerrucho.
É marido mulher e filho. Nenhum luxo,
Mas limpos; seu aspecto asseado mostra logo
Que hão de passar, viver, livres, com desafôgo,

Uma vida feliz, sem lutas, sem escolhos,
O peito sempre em flor, cheios de luz os olhos,
Amando num amor doce e confortativo...

E, preso desta idea, eu, que actualmente vivo
Colhendo os teus desdêns, morena Flor precocel!
Sem que o teu negro olhar a existência me adoce,
Começo a construir quiméricos castelos,
Cheios de luz e côr, absurdamente belos!
Sonho uma casa branca à beira d'água, um palmo
De terra, onde contigo, emfim amado e calmo,
Cultivasse rosais e compusesse idílios,
Celebrando em abril os alados concílios
Das vespas no estelar Vaticano das flores,
Sob um irídeo céu colmado de fulgores;
Sonho (e enche-se então de luz todo o meu ser!)
Com teus carinhos, que jamais hei-de colher;
Sonho, que vais comigo em silvestres passeios,
E que escuto o chorar das fontes, os gorgeios
Dos pássaros no azul, e os cantantes segredos,
Que o vento anda a dizer aos altos arvoredos,
Emquanto me persegue o desejo ambicioso
De num verso imitar, num verso glorioso,
A tua lenta Voz de acentos longos, lentos,
Voz sonolenta, lenta, e cheia de lamentos,
Voz sonolenta que é, morena que me innervas,
Como os lamentos dos arroios sob as ervas!

De repente, porém, desperto do meu sonho,
Ao maguado chorar, sufocado e tristonho,
Duma bôca infantil. Olho e vejo de bruços,
Deitada sôbre o chão, em continuos soluços,
Uma criança, que parece ter dois anos,
Loura como um faisão, alva como os goelanos.

Levanto-me e levanto a criança caída,
Limpo-lhe a roupa e a carita humedecida
Pelo chôro: depois fico à espera que alguém
A leve.

Busco em roda, espero, mas ninguém
Aparece, ninguém reclama a pequenita,
Que se estorce a chorar, asfixiada, aflita.

Compreendo então que está perdida a criancinha...
O que devo fazer?

Nisto a minha vizinha

Diz ao marido:

— «João, a criança talvez
«Tenha fome, quem sabe? Ora repara, vê
«Como está magra e traz o rosto macilento?
«Ora, por isso, João, pega só um momento
«No nosso filho...»

E, com suas mãos de alabastro,
Ergue o filhito branco e louro como um astro
E do marido sôbre os braços vai depô-lo.

Resoluta, depois, arranca-me do colo
A criança, e, num gesto insinuante e nobre,
Sem vergonha da luz claríssima do luar,
Compondo-lhe primeiro o vestidinho pobre,
Desaperta o corpete e dá-lhe de mamar.

Coimbra, 29 de Janeiro de 1889.



V

A lillal Virgem Maria,
Com seu olhar triste e clemente,
Vê-nos da lua alvinitente,
Celestial janela fria.

Dessa janela refulgente
Observa tudo e tudo espia,
A lillal Virgem Maria
Com seu olhar triste e clemente.

Lá vem a lua fugidia...
Sê minha amiga, ó Flor dormente!
Êsse teu ar indiferente,
Êsse teu ar desgostaria
A lillal Virgem Maria.

Blanquefort, 5 de Agosto de 1889.



VI

PARIS ao fim da tarde. Horas em Notre-Dame.

Formiga pelo cais um pintalgado enxame,
Bizarro e original museu de etnografia,
Ambulante, exhibindo, à luz escassa e fria,
Uma variedade excepcional de tipos:
Chineses de cabaia, obesos como pipos,
Um ou outro escossês de joelhos à vela,
Varões com laços e rosetas na lapela,
Inglesas varonis, dum frescor de manteiga,
Angulosos judeus, russas de fronte meiga,
Malandros de Paris, Princesas da Circássia.

Escorre pelo ar uma tinta violácea.

O ANGELUS. A tarde é húmida e serena.
Um dourado *vapor* corta as águas do Sena;
Deixam de fumegar as vastas oficinas;
Vão fluindo brumais e leves musselinas...
O sol é um ramo de ouro, a arder, que se desfolha...
E a lua circular, semelhante a uma bôlha

Prestes a rebentar à flor duma nascente,
A lua circular, pasmada, evanescente,
Surge vaga, detrás do nevoeiro denso,
— Hóstia vista através duma névoa de incenso.

Depois de ter andado um quilómetro ou mais
Ao longo dêste infindo e rumoroso cais,
Eis-me chegado emfim.

Pálida e silenciosa,
Aguarda-me na alcova a grande desdenhosa,
A minha glacial e trigueira inimiga.

Encontro-A inerte sôbre uma poltrona antiga,
Cujo espaldar exhibe um rútilo brasão:
Fulgindo em campo azul, áureo e rompente leão,
Capacete de prata, aberto, e derredor
Farto paquife de ouro e de cerúlea côr.

A minha Amada está triste como um crepúsculo...

Seu corpo virginal, etereal, minúsculo,
Repousa imóvel, como os mármore das campas;
Suas esguias mãos, duas finas estampas,
Dormem longas, subtis, em seus magros joelhos;
Suas unhas, em bico, esplendem como espelhos;
Seu lábio rubro tem uma expressão estranha;
Sua roupa rescende a *chipre* e a *pel' d'Espanha*...

Beijo-lhe as mãos: tem febre.

Então, devagarinho,
Tentando dar à voz a macieza do arminho,
Descrevo-lhe o que fiz durante o dia inteiro;
Depois, co'a submissão servil dum prisioneiro,
Peço-lhe que me diga uma palavra apenas,

Se sou eu que A aborreço e se quer que me vá,
Mas que fale, que não seja tam fria e má...
E Ela, entreabrindo o olhar onde o desdém se esconde,
Olha-me friamente, olha-me... e não responde...

Depois, com voz fremente e sufocada, leio
Versos meus em que sangra a dor do meu anseio,
Versos, que vagas são dum oceano em demência,
E que ora pintam dêste amor a efervescência,
Ora o frio mortal do seu polar desdém.
Ela escuta em silêncio; e a-pesar de ver bem
A grande excitação que no meu peito lavra,
Imóvel, não me diz a mínima palavra...

Por fim, em suas mãos magras, onde esfusia
De pesados anéis a albente pedraria,
Ponho de cravos um nupcial ramo virgínio:
Ela, porém, abrindo os seus lábios de mínio,
Cheira os cravos, gulosa, e não m'os agradece.

Desanimado então, vendo que permanece
Com a firme intenção de não me responder,
De não me dar um riso ou um olhar sequer,
Desanimado então, vou-me sentar a um canto
Da pequenina alcova escurecida, emquanto
O dourado brasão da preciosa cadeira
Explende vivo e cerca a morena, trigueira
Frente da minha dura Amada, como um nimbo.

Nevrótico, a scismar, acendo o meu cachimbo.

Súbito, a sua voz untuosa se alevanta,
Voz que chora dorida, e ao mesmo tempo canta,
Voz que me diz assim:

— «Incomoda-me o fumo...»

Noite. A Lua caminha absorta, no seu rumo,
Branca, duma brancura ascética de monja...
Céu de veludo pardo. Assim como uma esponja,
Que apaga numa lousa um desenho infantil,
Muda, pé ante pé, vai a treva subtil
Diluindo, alterando os contornos das cousas,
Em duendes mudando as sombras misteriosas,
Tristonha, entristecendo e envelhecendo tudo!

Parece que choveu cinza no quarto mudo!
Tudo é cinzento: os velhos móveis, o tapête,
O livro que Ela tem na mão, o seu corpete,
Seus cabelos sem par, essa lutuosa messe,
Que nos ombros lhe cai como um negro dilúvio,
E seu busto cruel, que, de perfil, parece
Um camafeu cortado em lava do Vesúvio.

Paris, 26 de Agosto de 1889.





VII

PELO Père-Lachaise ando passeando, errando...
Como saudades numa alma, vai um bando
De fôlhas mortas, amarelas, pela rua...
Sedosa, a luz do sol, sedosa, se atenua,
E seus raios subtis, cabelos louros, pálidos,
Douram ao longe o áureo domo dos Inválidos.
Em que estarás pensando agora, minha Amada?
Passa um entêrro: é uma criança. Amargurada,
Vai atrás do caixão a mãe... Se houvesse céu!
Paro um instante a examinar um mausoléu...
Sinto passos: serão venturas ou desgostos?
Como são outonais aqui estes Agostos!
Ah! o sol português! Scismando, passo ao pé
Do túmulo onde dorme Alfredo de Musset:
Pende um fresco chorão sôbre o sepulcro branco...
Ao piedoso chorão, em pranto verde, arranco
Um vírida fôlha e ponho-a na botoeira...
Diademada com botões de laranjeira
Ao pé *doutro* te vejo, amor! Húmida e fria,
A cambraia brumal cerra-se... Hei-de ir um dia
Visitar-te, meu grande e amado Beaudelaire...
Teu sugestivo olhar, o teu olhar sugere

Belas viagens por inexploradas terras.
Beleza imperial! Iluminas e a terras!
Treme um cipreste desfolhado, quasi nu...
Se eu te morresse, Amor, que sentirias tu?
Escuta-se Paris, ao longe, a respirar...
Aqui repousa Michelet... Vamos ter chuva...
Por entre os mausoléus caminho a imaginar
Como é que ficarás vestida de viúva...

Paris, 30 de Agosto de 1889.





VIII

*Un autre, plus heureux, va unir son
sort à celui de mon amie. Mais quoi-
qu'elle trompe ainsi mes plus chères
espérances, dois-je la moins aimer?*

MACKENSIE.

TUA frieza aumenta o meu desejo:
Fecho os meus olhos para te esquecer,
Mas quanto mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.

Humildemente, atrás de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Antes sentindo para mim crescer
Dos teus desdêns o frígido cortejo.

Sei que jamais hei-de possuir-te, sei
Que *outro*, feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo em flor.

Meu coração no emtanto não se cansa:
Amam metade os que amam com esp'rança,
Amar sem esp'rança é o verdadeiro amor.

Paris, 29 de Setembro de 1889.



IX

HOJE o perfume que Ela traz é frangipana.
Tem o seu rosto o ar de um lírio que se fana,
Melancolicamente, à beira duma jarra;
Seu vestido talar, duma forma bizarra,
Torrente de veludo, afaga-lhe os artelhos,
E deixa ver os seus leves chapins vermelhos,
Complicados como os femininos embustes,
Donde emergem, subtis, dois delicados fustes
Duma graça tibial que me prende e deslumbra.

Sem par, assim de pé, imóvel, na penumbra...

Venho encontrá-la hoje alegre como nunca:
O tédio habitual, que de ordinário junca
Os seus olhos hiemais de tristeza, e confrange
Seus lábios num sorriso irónico, em alfange,
O tédio que A faz triste, o tédio que quebranta
Seu corpo longo, fino e místico, de santa,
Êsse tédio fugiu e em lugar dêle vejo
A alegria, assim como um insecto ou como um beijo,
Pousar na sua bôca em viva alacridade.
Fala-me mansamente e sem a má vontade

Que mostrava, que tinha há pouco tempo ainda;
E sua lenta voz duma doçura infinda,
Oleosa, cristalina, amolecida e calma,
É um veludo branco a agasalhar minh'alma.

Como eu me sinto bem vendo-A sorrir-se, vendo-A
Com seus olhos niveais, fendidos em amêndoa,
Que cantam a canção do amor ao desafio!
Aquele ar de desprezo enregelado e frio,
Com que Ela me cravava os seus desdêns, mudou-se,
Transformou-se no ar mais afável, mais doce...

Feliz de mim! Bem sei o que é que A faz contente!
Tudo n'Ela m'o diz aberta e claramente:
Foi o Amor que emfim A subjugou, o Amor
Que nos perfuma como um limoeiro em flor,
E nos embala como as águas dum regato,
O Amor, diamante preto, o Amor, o aereostato
Que nos conduz ao céu distante da Quimera,
Galeota real ou rútila galera
Que no mar da Ilusão caminha a todo o pano,
Astro que Deus mudou em sentimento humano,
Grande libertador dos cárceres estreitos,
Trepadeira de luz que trepa em nossos peitos!

Foi êle e êle só que fez êste milagre!
Êle que transformou o glacial vinagre
Da sua indiferença em saboroso mel,
Foi êle que mudou a minha Flor cruel,
Êle que me fez águia, a mim rasteiro verme!
E a minha Amada ri. Em breve vai fazer-me
As suas confissões mais íntimas, contar-me
A excitação, o susto, o delicioso alarme

Que sentiu quando o meu amor A surpreendeu,
E a atracção que o seu negro olhar tem pelo meu;
Vai-me dar a razão do seu desprêzo antigo,
Tratar-me como quem trata o melhor amigo,
Vai pousar sôbre mim seus olhos, — céus de outono,
E abandonar, sorrindo, em lânguido abandono,
Aos meus beijos febris seus dedos fuselados...

Tudo isto vai fazer a Flor dos meus cuidados!

Mas vejo que Ela hesita em começar. Tem medo
De me confiar o seu recondito segrêdo,
Segrêdo que lhe traz o espírito em reféns...
Assim lhe falo então:

— «Dize-me o que é que tens,
«O que é que te faz rir, o que tens hoje em ti,
«Porque te vejo, Flor! como nunca te vi!
«Fala-me com verdade, abre-me êsse teu seio,
«Vamos, meu doce amor, fala-me sem receio,
«Ninguém nos ouvirá, êsse teu susto, vence-o...»

Depois de me fitar um instante em silêncio,
Os seus lábios boreais entreabriram-se assim:

— «O meu tédio habitual teve hoje a sua pausa,
«E, em verdade, não sei o que é que sinto em mim...
«Mas eu costumo rir como choro... sem causa...»

Bordeaux, 2 de Agosto de 1889.



X

DEPOIS de te seguir como um varlete,
Eu contava-te o meu amor singelo,
Quando ouvi uma voz, meu sonho belo,
Cortante como um frígido estilete:

— «Àquele que contar todos os sete
«Flavos pontos de luz do *sete-estrêlo*,
«Entrará da Ventura no castelo;
«Será feliz; co'a vida não se inquiete...»

As sete estrêlas de ouro na amplidão
Quis contar: só vi seis. E desde então
Embalde corro atrás de ti, de rastros,

Não venço nunca a tua Indiferença...
Da minha sorte a exicial sentença
Traçou-a Deus no alto azul com astros!

Salamanca, 30 de Junho de 1889.



XI

Um sonho.

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...

As estrêlas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Flor! enquanto na messe estremece a quermesse
E o sol, o celestial girassol esmorece,
Deixemos estes sons tam serenos e amenos,
Fujamos, Flor! à flor dêstes floridos fenos...

Soam vesperais as vêsperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como nêsperas,
No céu pardo ardem os astros...

Como aqui se está bem! Além freme a quermesse...
— Não sentes um gemer dolente que esmorece?
São os amantes delirantes que em amenos
Beijos se beijam, Flor! à flor dos frescos fenos...

As estrêlas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves
Suaves...

Esmaiece na messe o rumor da quermesse...
— Não ouves êste *ai* que esmaiece e esmorece?
É um noivo a quem fugiu a Flor de olhos amenos,
E chora a sua morta, absorto, à flor dos fenos...

Soam vesperais as Vêsperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como nêsperas,
No céu pardo ardem os astros...

Penumbra de veludo. Esmorece a quermesse...
Sob o meu braço lasso o meu Lírio esmorece...

Beijo-lhe os boreais belos lábios amenos,
Beijo que freme e foge à flor dos flóreos fenos...

As estrêlas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Teus lábios de cinábrio, entreabre-os! Da quermesse
O rumor amolece, esmaiece, esmorece...
Dá-me que eu beije os teus morenos e amenos
Peitos! Rolemos, Flor! à flor dos flóreos fenos...

Soam vesperais as Vêsperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como nêsperas,
No céu pardo ardem os astros...

Ah! não resistas mais a meus ais! Da quermesse
O atroador clangor, o rumor esmorece...
Rolemos, ó morena! em contactos amenos!
—Vibram três tiros à florida flor dos fenos...

As estrêlas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítolas, cítaras, sistros,

Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Três da manhã. Desperto incerto... E essa quermesse?
E a Flor que sonho? e o sonho? Ah! tudo isso esmorece!
No meu quarto uma luz luz com lumes amenos,
Chora o vento lá fora, à flor dos flóreos fenos...

Arcachon, 12 de Julho de 1889.





XII

SAÚDE e Ouro e Luxo! A Primavera
Interminável! Viagens! Dias lentos!
Inércia e Ouro! O nome aos quatro ventos!
Noites mornas de amor! Tal a Quimera.

A Sombra! A falta de Ouro que exaspera
E da mulher os falsos juramentos!
Correr mapas! Bocejos sonolentos!
Assim a Vida corre e nos lacera!

Sonhamos sempre um sonho vago e dúbio!
Com o Azar vivemos em conúbio,
E apesar disso, a ALMA continua

A sonhar a Ventura! — Sonho vão!
Tal um menino, com a rósea mão,
Quere agarrar a levantina LUA!

Pessac, 17 de Julho de 1889.



XIII

Ave! trigueira desdenhosa e triste,
Cheia de graça e de frescor sem par,
Bemdito seja o berço em que dormiste
E os peitos que te deram de mamar!

Como uma chama cerula entre brasas,
Como uma tulpipa entre malmequeres,
Como uma tôrre entre pequenas casas,
Bem dita sejas tu entre as mulheres!

Corpo virgem, tu que és o meu orgulho,
Tu que eu hei-de violar um dia entre
Beijos tam claros como um sol de Julho,
Bem dito seja o fruto do teu ventre!

Doce Refúgio, doce Inspiradora,
Ó meu trigueiro e místico ciclamen,
Unge-me com teu negro Olhar, *agora*
E na hora da minha morte. Amen.



XIV

À volta de Bordeus, num meio-dia autunal,
Parei em Burgos para ver a catedral
E as sombras evocar do Cid e de Ximena.

Cérebro calmo, corpo são, alma serena,
Cheio de fôrça, de vigor, de agilidade,
Alegre entrei na melancólica cidade,
Alegre atravesssei ruas negras, sombrias,
E um largo triste cujas árvores esguias
Levavam para o ar seus pobres braços secos;
Temerário, cruzei labirínticos becos,
Parei a analisar uma chorosa fonte,
Até que, entrando numa praça, vi defronte
A velha catedral — sonho petrificado,
Nobre como uma nau, fina como um bordado,

Duas horas levei a ver o exterior,
Detalhe por detalhe: o precioso lavor
Das misulas e dos esveltos baldaquins,
Arrendados como os gangéticos marfins,
As estátuas que estão ornando os botaréus,
As gargulas às mil, e os altos corochéus,

A laçaria, em filigrana, das cimalthas,
Os finos bestiães, enfim: todas as malhas
Dessa renda subtil, severa e fascinante.

Cansado, entrei na Igreja. Um ar frio e cortante,
Um ar de mausoléu gelou-me como um banho:
E a escuridão, e o Cristo, ao fundo, sôbre o lenho,
E os túmulos em volta, e a vastidão da nave,
E o silêncio — um silêncio adormecido e grave —
E as colunas brutais, e aquele ar de segrêdo,
Tudo isso produziu-me a sensação do *medo*.

Lasso, fui-me sentar num escabelo de couro.
No altar do Sacramento uma alâmpada de ouro
Extinguia-se com brilhos exiciais;
A luz ruiva do sol inflamava os vitrais
E acendia no chão tapêtes de mil côres;
Num nicho, olhos ao céu, a Senhora das Dores
Tinha as mãos em ógiva, ebúrneas, afiladas.

Súbitamente, ouvi ais frios e passadas.

Em sobressalto levantei-me do meu banco,
Olhei: — vinha um entêrro e o caixão era branco.

Aproximei-me então e vi — horrível cousa! —
Que a morta lilial, pálida e melindrosa,
Deitada no caixão, era a imagem perfeita
Do meu bizarro amor, de Ti, amada eleita
Que és o claro pombal das minhas esperanças!
A mesma idade, a mesma escuridão de tranças,
O mesmo talhe imperial das longas mãos,
O mesmo corpo, o busto igual, cílios irmãos.

Vinha atrás do caixão, com passo lento, incerto,
Um rapaz, a chorar, que era o noivo decerto:
Ao vê-lo, dir-se-ia a estátua do Desgosto...
Fitei-o dolorido e vi — vi que o seu rosto
Era (presságio mau!) o meu fiel retrato!

E então sonhei um sonho fúnebre, insensato!

Incarnei-me no noivo, incornei-te na morta,
Transpus do desespero a tenebrosa porta,
Fizeram-se de cal os meus lábios vermelhos,
Todo eu arrefeci, vergaram-se os joelhos,
Meu sangue ardente pôs-se a acachoar nas veias,
Sacudiu-me um tufão de lúgubres ideas,
E, a tiritar e a arder, em cruel agonia,
Semianime, senti tudo o que sentiria,
Minha esponja de fel, se te visse morrer!

.....

Desde êsse dia, desde então, quero esquecer,
Mas sempre embalde, aquela scena pungitiva:
Vejo-te sempre, delicada sensitiva
Morta, bem morta, sôbre o esquife, as mãos no peito,
Vejo-me a mim chorando o meu sonho desfeito,
Chorando o desabar dos meus áureos castelos,
Alucinadamente, arrancando os cabelos!
Nunca, nunca me larga esta *obsessão* violenta:
Por onde quer que eu vá de mim nunca se ausenta;
Como uma sombra má, persegue-me em surdina;
Vampiriza-me a vida, incômoda clepsina;
Ela me faz odiar os longos cemitérios,
As matas cheias de sussuros, de mistérios,

E os sombrios paúis cobertos de miasmas;
Ela me faz recluir os lívidos fantasmas,
Que andam de noite, em bandos lúgubres, proscritos;
Ela me sugeriu estes versos escritos
Emquanto o meu relógio antigo de pau santo
Bate, isocronamente, ao pé de mim, enquanto
Três rosas glaciais dum palor inefável,
Tristes, vão definhando em seus vasos anidros,
E enquanto vejo além a Lua formidável
Como um crânio fatal a espreitar-me entre os vidros.

Coimbra, 6 de Dezembro de 1889.





XV

Doce, assim como os sons longínquos que a distância
Aveluda, no ar morria a ressonância
Dum trecho embalador e dorido de Strauss.

Um monstro de faiança altivo abria a fauce
Donde pendiam seis anémicas pionias;
Erravam na atmosfera olências fugidias,
Pesadas, virtuais, dum sensualismo intenso,
Cinámomo, heliótropo, opopónaco, incenso.

Ela me disse então com pausada indolência:

— «Oponho ao teu amor gelada resistência,
«Como às ondas do mar doido se opõe um dique.
«Mas escuta-me bem... É justo que te explique
«A complexa razão do meu procedimento...
«Esta minha *frieza*, o meu *desprendimento*
«Não é orgulho, nem desdém, nem é desprezo.
«Atende, amigo meu...

«Dizes tu que andas preso,

«Preso do meu olhar, preso da minha voz,
«Que sou o teu encanto e o teu funesto algoz,
«Dizes que o meu amor é tudo o que ambicionas,
«Chamas à minha boca irmã das beladonas.

«Caladamente, vou ouvindo o que me dizes,
«E mal tu sabes quantos dias infelizes
«Tenho vivido, procurando pôr um têrmo
«Ao negro mal que róí meu coração enfêrmo.

«Falas-me sem cessar; não te respondo nunca...
«E enquanto a dolorosa e forte garra adunca
«Do desespero fere êsse teu peito em flor,
«Eu debato-me em vão, sem fôrça, sem vigor
«Para acordar meu coração adormecido,
«Meu coração que é como um campo ressequido
«Que não produz um fruto só que se aproveite;
«Estéril coração que é um seio sem leite,
«Frígido coração onde o tédio governa,
«Triste manhã sem sol, oásis sem cisterna!

«Ah! eu receio o amor, como receio a morte!
«Não me despertes, não! Tu, que és ágil e forte,
«Não me despertes, não, a mim débil, cansada...
«Ah! deixa-me viver assim anestesiada,
«Inconsciente, quieta, indiferente a tudo,
«Olhar parado sempre, o lábio sempre mudo,
«Circundada de sons, perfumes e visões...
«O anacâmpsero, a flor que sugere paixões,
«Não venhas desfolhá-lo em meu frio regaço...
«Deixa-me assim viver neste quietismo lasso,
«Não venhas alterar meus dias longos, tristes...
«Não me fales de amor; e, se acaso persistes

«Em procurar em mim um filtro que te adoce,
«Ama-me, sim, porém sem a idea da *posse*,
«Com um amor absconso, espiritual, silente,
«Ama-me *simplesmente* e religiosamente,
«Como se eu fôsse, amigo, uma noviça morta!

«Do meu peito não te abro a inviolada porta,
«Ah! deixa-me sonhar, ah! deixa-me dormir!

«Mas se uma vez, se um dia, acaso, no porvir,
«Meu peito despertar dêste álgido letargo;
«Se eu vir, no claro azul iluminado e largo,
«Bonançoso acender-se o arco da Aliança!
«Se a grande águia real do Amor e da Esperança
«Me aparecer a voar num vôo firme e franco;
«Então vestir-me hei, como as noivas, de branco;
«Retomarei os meus encantos de mulher;
«Perfumarei meu corpo virgem, como Ester,
«Filha de Mardoqueu, judia singular,
«Que teve o corpo seu meio ano a macerar,
«Antes de expor-se nua aos beijos de Assuero;
«De galas ornarei meu coração austero;
«Meu rosto perderá esta côr mortuária;
«E, vibrante de amor, vibrante de paixão,
«Irei buscar-te, amigo meu, como a lendária
«Rainha de Sabá foi buscar Salomão!»

Coimbra, 2 de Janeiro de 1890.

II

Horas

BIBLIOGRAFIA

A primeira edição de *Horas*, impressa na tipografia de Manuel Caetano da Silva, foi publicada em 1891 (Coimbra, Manuel de Almeida Cabral, editor).

A segunda edição, acrescentada com um prefácio de Manuel da Silva Gaio foi impressa e editada por Francisco França Amado (Coimbra, 1912).

A tradução espanhola de *Horas* perfaz com a de *Oaristos* o primeiro volume (único publicado até hoje) das OBRAS DE EUGÉNIO DE CASTRO, *version castellana de Juan G. Olmedilla* (Editorial Castilla, Madrid, 1922).



PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

No prefácio das *Poesias Escolhidas* de Eugénio de Castro, publicadas em 1902, tentara eu já caracterizar o seu *simbolismo*. Reconhecendo depois que não lho definira tam completamente como queria, logo me propuz fazê-lo na primeira oportunidade. Encontro-a agora, ao vir prefaciá-lhe a nova edição do segundo dos dois livros em que ficou documentada a sua primeira fase de simbolista.

Assinala-se, o seu *simbolismo*, como notável exemplo de conciliação entre uma caprichosa fantasia individual, aliada a agudos sentidos de impressionista directo, e uma franca aptidão para a representação da vida em criações de significação genérica, para a transposição da rea-

lidade — íntima ou exterior — em valores de gama ideal, para a visão do particular em ampliativas projecções de generalidade.

Concilia realmente os dois mais salientes traços do espírito e da arte dêste Poeta: a tendência a encarnar e a traduzir em figuras e imagens do *universal* humano e físico as suas ideias, sentimentos e impressões, e o segrêdo de — não se perdendo nelas, transparecendo sempre, como realidade concreta, viva, através dessas personificações abstractas — as não sacrificar também a si próprio; porque se, com efeito, consegue moldá-las a ponto de lhes converter o significado geral num meio de individual revelação (e nisto consiste, em grande parte, o simbolismo) tais figuras mantêm-se-lhe numa autónoma *objectividade*, subsistem por si mesmas, continuarão a representar — além de quanto exprimam ou deixem entrever do artista — modos de ver e sentir de ordem impessoal, ilimitada, *humana*.

Isto, consequentemente, fora das enleantes condições do espaço e do tempo — a despeito dum ou doutro propositado detalhe onde o tom local e a nota histórica entrarão afinal mais como subsídio de pitoresco e como elemento de decoração prestigiosa do que como próximo e necessário factor, visto tratar-se de representações e figuras, de aspectos e cenários as mais das ve-

zes animados e revestidos de pura idealidade, de simplificada vida compreensiva, e portanto desligados e independentes de todas as sólidas restrições geográficas, de todas as miúdas particularidades da cronologia.

Tal forma de *simbolismo* — como todas as maneiras de conceber Arte e Poesia — correlaciona-se, porém, com uma acentuada qualidade ou natureza de imaginação, deriva dela; e, assim, será pela segunda que teremos de explicar o primeiro.

Ora, quem percorra as obras de Eugénio de Castro não levará muito tempo a notar-lhe essa natureza de imaginação que tudo efectivamente converte, de preferência, em motivo de Beleza — tomada a palavra como indicando certos *totais* de invenção, unificadores de dispersos aspectos físicos e humanos pela eliminação das diferenças e resultante integração das semelhanças.

Não tardará em registar que as suas visões se corporizam, na verdade, da harmonia com tal disposição e natureza de representação mental: sob formas e côres e segundo condições de concepção e de realização cuja impressão e efeito de conjunto correspondem aos produzidos por toda essa Arte redutora dos ângulos do real em curvas de imagens sínteses, por toda essa Arte de *composição*, plástica ou verbal, recebida na du-

pla tradição pagã — antiga e *renascente*¹ —, já pois identificada com a alma ocidental, já tornada para nós a mais legítima medida e aferidor dos valores estéticos.

Não tardará em reconhecer que êle é, manifestamente, acima de tudo criador de Beleza — admitido o têrmo no sentido de qualquer cousa comparável à normal, englobante feição de feições dum busto *típico* da Espécie, visto como oposto ao modelado flagrante de *determinada* criatura viva; no sentido de Arte de *estilo* como antagónica com a Arte de *carácter*.

Mas logo reconhecerá também que é essa qualidade de imaginação que — por implicar-lhe a visão das cousas em valores de tal categoria de Beleza, isto é pela própria natureza *genérica* das suas concepções — lhe dá aquele poder de as suscitar e contemplar como libertas de si mesmo, como exteriores.

Reconhecerá que a ela deve o Poeta, realmente, a apontada faculdade de *objectivação*, sem prejuízo seu — do *esteta* e do *homem* —

¹ Tradição não oposta, em absoluto, à medievá. É considerar — a par a voga do aristotelismo no mundo filosófico e escolar — a de certas histórias e assuntos pagãos assimilados pela literatura europeia dos séculos XIII e XIV; é relembrar a graça *helénica* de várias esculturas e motivos de decoração architectónica, como os da Catedral de Reims; o *sorriso eginético* de algumas estátuas conhecidas: da Virgem de Amiens, da de Léon, do S. Fernando de Burgos, e já talvez a expressão do S. João do Pórtico da Gloria, na Catedral de Santiago de Compostela.

transparecíveis a miúdo, a cada traço, traídos sempre na sensível vida duma linguagem literária e artística tam adequada a dotar de consistência plástica e de graça rítmica essas criações genéricas, a dar-lhes e fixar-lhes existência mítica — devido à íntima ligação originária entre toda a forma de concepção e certo modo de exprimir e compor — como a ferir notas impressivamente pessoais, e a tocar pontos de particularismo.

Reconhecerá, em suma, além do mais, que o *simbolismo* explicável por esta forma de imaginação e seu revelador envolve e implica, mercê de tal poder de *exteriorização* (superior, no nosso Poeta, ao de muitos congéneres) a vantagem de lhe equilibrar a vida interior nessas mesmas representações projectivas dela, visto torná-lo, de algum modo, de *sujeito em objecto*; a vantagem de lhe evitar, daí, o excessivo, mórbido interêsse do *eu*, e de lhe atenuar, com o tempo, as intemperanças dum *egotismo* infantil.

E outra feição se lhe apontará ainda, que com êste poder prende: o seu classicismo.

Sim. Uma vez reconhecidos todos êsses caracteres e aspectos do *simbolismo* de Eugénio de Castro e da sua forma de imaginação, achar-se há, por certo, que lhe apliquei com justiça, no Prefácio das *Poesias Escolhidas*, a designação

de *clássico* — na acepção já então indicada, numa das largas acepções de designação tam ampla e maleável.

É *clássico*, com efeito, por essa faculdade de *redução ao universal*, que de certa maneira o distingue doutros espíritos, em cuja psicologia predominam as emoções e ideas ligadas com estados e modos de ser de actual affectividade, reveláveis à custa de directos meios de expressão.

É-o pela Estética correlativa de semelhante faculdade, pela maneira de compreender, inventar e amar a Beleza: vendo e sentindo a existência mais sob a espécie de imagens mediatas, de *ideas das cousas*, do que sob a de flagrantes notações do mundo exterior e interior; mas salvando as suas visões e figuras de resultarem meras abstracções suspensas exactamente por lhes poder impor, devido aos nativos dons de imaginação e forma, a graça viva das criações belas vindas naquela nossa tradição literária e artística, dessas criações onde o extensivo, envolvente significado *humano* de cada uma, sem as prejudicar como expressões do real, parece, ao revesti-las de mais latitudinária intenção, ao erigi-las de *casos* em *conceitos*, dotá-las de maior valor representativo, dar-lhes e espalhar delas maior clarão de verdade.

É-o pelas suas qualidades de gosto, de razão, de ordenada harmonia, até pela preferência dada às personagens e figuras nobres e de casta dominadora, ou de raro prestígio estético: quer nos domínios da pura fantasia, quer nos que podemos chamar *pagãos*, quer nos de doce e penumbrosa inspiração cristã; porque num como nos outros revelará sempre aquela faculdade de ideação geral, e usará dos mesmos processos de realização em Beleza; porque será quando as suas figuras melhor cumpram a missão de *arautos universais* que melhor proclamarão também o modo de ver e sentir do Poeta — tanto mais *simbolizado* nelas quanto tudo concebe e visiona, de preferência, como imagem *simbólica*.

E *clássico, finalmente*, pela efectuada tendência de objectivação, acima explicada, e de si salutar, isto é — no espírito em que o divino Goethe tomou a palavra quando disse: *chamo clássico o que é são, romântico o que é doentio...*

*

É claro que só depois de lidas todas ou grande parte das obras de Eugénio de Castro se tornará possível pôr em relêvo e definir as dominantes feições mentais e artísticas do seu *simbolismo*.

Não lograria eu fazê-lo, decerto, com a leitura das *Horas* apenas.

Mas também sem ela o não conseguiria inteiramente, pois que êste pequeno livro marca ao rubro com os *Oaristos* — rebelado manifesto do Poeta — as suas primeiras afirmações de simbolista. Representa-lhe parte da fase inicial, e constitui, por isso, um documento de valor na série das suas obras. Integra-se nela.

A propósito das *Horas* e dos *Oaristos*, no Prefácio das *Poesias Escolhidas*, attribuía eu a orientação estética e a derivada produção *simbolista* do autor dêsses livros: à sua fundamental qualidade de *artista*, de espírito sedento do novo, seduzível pela graça decorativa e pelo estranho duma arte diversa e exótica; à sua tendência *universalista*, e conseqüente facilidade na adopção de toda e qualquer inspiração ou tema cosmopolita; e à acção directamente exercida nêle, tanto a isso disposto, pela innovadora geração francesa do momento.

Hoje, depois de lhe haver seguido a evolução através de toda a obra, já tam considerátel, teria de modificar aquella nota — justa sem dúvida em relação ao autor dos *Oaristos* e das *Horas*, mas incompleta em relação ao escritor que dêle se continuou e desenvolveu, que viria a impor-se (com todo o seu exotismo e estranhos caprichos) mercê de mais larga e cordial concepção da Arte, de mais conciliadores e generosos proces-

sos, sem prejuízo dos seus dons de impressionista vivo e das suas exigências de Esteta.

Teria de a modificar ainda no ponto relativo à acção sôbre êle exercida pelos artistas e poetas franceses, porque se lhe ampliou muito o campo das influências estranhas ou antes das sugestões a acolher e aproveitar: sendo para citar talvez, entre todas, a da corrente pre-rafaelita, por um lado, pelo outro a do neo-goetismo, sob certos aspectos.

Teria de a modificar sobretudo no tocante à tendência *universalista*; visto que tal tendência — correlativa duma imaginação capaz de representar a vida em Beleza e implicando a aptidão à visão e criação exterior (quer pela apropriação de dadas imagens e figuras à representação de modos de ver e sentir próprios, quer pelo desdobramento dêstes em incarnações projectivas dêles) — havia de vir a fazer dêsse primitivo *egotista*, cujo *universalismo* só traía, por ventura, mera curiosidade cosmopolita, a par do prurido infantil de a arvorar em lema literário — o espírito equilibrado de agora, tam notavelmente favorecido com a alteração operada na dosagem relativa do seu *egotismo* e do geral interesse *objectivo* das suas obras, o artista, emfim, a quem se poderia aplicar o termo de *clássico*, segundo a acepção definida.

Nem por isso deixou no entanto aquela nota de corresponder de certo modo à verdade.

Trata-se, como digo, duma diversa dosagem relativa, mas não duma substituição de qualidades, duma radical transformação da personalidade do artista.

No fundo — o Poeta é o mesmo; sòmente na posse de mais amplos recursos, com mais larga visão dominando mais abertos horizontes.

Já daqui se infere que não passou de todo o interêsse dêste pequeno livro, apreciável sobretudo como documento e indício, afora alguns detalhes de pura Arte.

Reveste mais do que um simples valor histórico.

Mas, além da importância que possam ter tido como revelação de tendências naturais do Poeta e de influências por êle recebidas, as *Horas* tornaram-se e mantêm-se ainda interessantes sob um tríplice ponto de vista: pelas determinantes e condições do seu aparecimento e efeito; pela sua contribuição para certas inovações da nossa técnica literária; pelos aspectos especiais que nesta obra revestem aquelas mencionadas tendências do autor — artista feito de singularidades suas e exemplar representativo de gerais modos de ver e sentir, vivo reflexo de vários sinais do tempo.

Devem interessar-nos, as *Horas*, sob aquele primeiro ponto de vista — como complemento

do revoltado gesto dos *Oaristos* — porque nos reavivam o caso, repetido mas curioso sempre, do artista moço que, seduzido pela flor de novidade duma advinda teoria e forma de Arte, obedece ao natural impulso de a propagar e que, envaidecido da sua missão de porta-lábaro, lança mão de tudo para desempenhar tal missão, sublinhando a vermelho cada passagem intencional a fim de a impor e de se impor vitoriosamente.

Devem interessar-nos porque se, no caso especial dêste artista (à parte a graça preciosa de algumas das suas páginas) documentam uma excessiva preocupação de originalidade, que o arrasta por vezes ao grotesco, um intuito fixo de inédito, uma constante premeditação de exibição pessoal — tudo talvez de envolta com maliciosas ideas de reclame — vieram também, dadas as condições e qualidades do meio, revelar-nos no autor notável faro e instinto dos recursos a unir para triunfar em tal meio, a clara consciência de que só a foguetes de extravagância, a golpes de imprevisto irritante, ou mesmo a passes de mistificação lograria despertar a dormente indiferença e prender a atenção inconstante de gente tam capaz de continuar surda e cega às cousas belas, como de embasbacar — rindo, embora, ou embaçando — perante os caprichos pirotécnicos de todo o fantasista hábil, em qualquer campo.

Devem interessar-nos assim, porque, explicando-nos em parte o facto de o Poeta ter *vencido* e podido prosseguir numa gloriosa marcha, firmada a obras de crescente beleza e encanto, vieram implicitamente acentuar-nos um real aspecto da nossa psicologia.

Devem interessar-nos, sob o segundo ponto de vista, porque, registando — a par de invenções do Poeta — muito daquelas influências exóticas nêle confluidas e dêle irradiadas, contribuíram, no campo da nossa técnica literária: para o rejuvenescimento de formas estróficas arcaicas, para a libertação e elasticização da métrica no caminho de mais variados e ricos efeitos — do verso e da frase — para a adaptação, à literatura, de novos elementos decorativos, de novos recursos musicais e rítmicos, de novas imagens picturais.

Devem interessar-nos, sob o terceiro ponto de vista, porque resumem e precisam realmente algumas das tendências e aspectos do Poeta — entre outros, três, que ressaltam logo de outras tantas notas da abertura, dessa sinfonia-programa onde se encontram os fios mestres de todo o livro.

Complicadas decorações de legenda velha mantelando o pudor dos episódios simples — escreveu o Poeta, repetindo-o adiante, como ilustração ao poemeto *Dona Briolanja*.

E quem, lendo estas palavras, não descobrirá, afinal, através delas um dos aspectos e tendências do espírito do autor — não só do autor dos *Oaristos* e das *Horas*, ¿mas do das obras subsequentes? ¿Não estará nelas afirmado, em grande parte?

Por certo não será indiferente, nem como artista nem como homem, ao que uma acção ou episódio simples envolva de impressivo — de trágico, de emocionante.

Mas exigirá sempre que tal episódio ou acção revistam singular prestígio estético: nas roupagens ou na nudez — quer delicada quer magnífica das figuras — no cenário ou nos acessórios; que, fora destas condições — e quando ainda se lhe recomendem pelo seu puro valor de motivo dramático — a graça ou nobreza das atitudes e movimentos das personagens, a prosódia e o ritmo de quanto digam e de quanto o Poeta por elas ou delas diga lhe façam dêsse episódio ou acção uma obra de Arte.

Poderá uma ou outra vez inventar e produzir em condições diferentes; pois nada ao talento é defeso.

Só, porém, estará no seu verdadeiro terreno quando nêle o artista em tudo se imponha ao homem.

Dado o intuito e natureza das *Horas*, acha-se bem natural que aquele — o artista — se reve-

lasse aqui em palavras cujo tom e feição nos trazem à idea *filacteras* de manuscritos góticos e *iluminuras* de evangeliário.

Não seria contudo difícil provar que esta nota das *Horas*, havendo correspondido e correspondendo a certa modalidade do artista, admite muito mais largo sentido: o da compreensão de qualquer caso da vida como convertível sempre numa nova forma de Beleza.

Parece-me também que as duas linhas onde se encontra a segunda das notas a salientar: *preces dum hereje arrependido, votos castos dum antigo libidinoso, pesadelos e irreligiosas hesitações dum recente convertido* não reflectiram apenas um geral estado de espírito do momento, uma situação psicológica comum a muitos *requintados da simplicidade*, para quem os domínios do espiritual místico, dos segredos litúrgicos, dos mistérios simbólicos se abriam como refúgio das almas e da Arte ante a complexa brutalidade da existência real e o brutal realismo da literatura corrente — mas revelavam ainda uma outra natural tendência do Poeta: a tendência à visão e compreensão *antitética* das cousas. É da *antítese*, da opposição entre situações ou modos de ser seus, entre aspectos ou qualidades postas em relêvo que melhores efeitos consegue. Demonstrá-lo-iam diversas passagens

do *Sagramor*, e viriam confirmá-lo outras das suas melhores obras, onde a luta, no fundo, se trava as mais das vezes entre a Arte e a Vida, e onde o artista — acentue-se — transparece sempre na solução do conflito, pois sempre a Arte lhe sairá vencedora, quando mais não seja na forma de o solver.

Leia-se, enfim, esta frase da abertura:

Tal a obra que o Poeta concebeu longe dos bárbaros, cujos inscientes apupos, — al não é de esperar, — não lograrão desviá-lo do seu nobre e altivo desdém de nefelibata.

Desconte-se-lhe tudo quanto contém de envaidecidamente pueril, de impertinentemente desdenhoso, de preciosamente repuxado; arranque-se-lhe o epíteto *nefelibata*, tornado de encomiástico em pejorativo mal o adoptaram e popularizaram; fixem-se-lhe apenas as palavras *longe dos bárbaros*, por êle mesmo sublinhadas.

Verificar-se há que ainda aqui o prólogo das *Horas* feriu uma das suas cordas vivas — reflectindo a moral da sua Estética, de então e de hoje, como as duas precedentes reflectiam, uma a sua dominante tendência de artista, a outra a sua natural maneira de ver e pôr em jôgo os dados da obra de Arte.

Pois, admitindo que a Arte por tudo deva interessar-se (salvas sempre as preferências de

cada artista) não a considera daí território a todos aberto, quer para realizarem, quer para apreciarem ou explicarem.

Aceitará que o seja — mas como um largo domínio onde todos poderão caber, a título de assunto, e não como um império onde a todos seja permitido dominar.

Isto, porque os elementos colhidos da vida só se aglutinam e combinam num vivo composto de Arte mercê precisamente de peculiares qualidades de elaboração criadora, e dum especial poder de concentração, que o artista possui e faltam aos outros; sendo ainda condição indispensável para o êxito da obra e sua independência em frente de quantos o rodeiem.

A sua simpatia por esta ou por aquela idea, o seu interêsse por êste ou por aquele tipo ou figura, a par a predilecção por estes ou por aqueles aspectos de natureza, não envolvem a concessão de que qualquer criatura humana — aproveitável para *modelo* e *tema* — ou de que qualquer colectividade delas possam intervir na sua vida e na sua obra a sugerir-lhe pontos de vista, a criticar-lhe processos, a discutir-lhe intuitos.

Isso é para os *raros apenas*, para os congêneres, por missão ou identidade de alma — conhecidos ou desconhecidos; só para aqueles em quem o Poeta por ventura pensa quando cria,

embora sempre crie, afinal, pela pura necessidade de criar.

Sucedará, sem dúvida, que a *colectividade* se interesse pela obra de arte em certas condições e sob certos aspectos.

Mas dar-se há isto: ou quando ela confunda a Arte e a Vida — no campo dos primitivos e fundamentais sentimentos humanos; ou quando, episódicamente, uma passagem da obra de Arte lhe corresponda a uma situação aguda da existência; ou quando se sirva de formas e expressões artísticas, como de emblemas significativos e de motos, com intenções manifestamente estranhas à Arte, quando desta se sirva como dum *meio* em vista de qualquer *fim* prático, social, político.

Fora dêstes três casos, só olhará a Arte como objecto de mero passatempo, e só dela verá e apreciará o que ela apresente de exterior, e, por via de regra, de inferior; há-de preferir, em geral, as complicadas exhibições do falso gosto às linhas sóbrias e certas do verdadeiro, o melodramático ao trágico severo, a sentimentalidade ao sentimento, a eloquência fácil à revelação profunda.

Ora, no primeiro dos três casos apontados, andarà ella fora do campo da Arte exactamente pela confusão dada, que lhe determinará estados de exultação ou de depressão, quando o efeito

próprio da obra artística é sempre a *elevação* da tonalidade psíquica; no segundo caso, a impressão da obra de Arte será ainda apenas reforçativa da real modalidade da alma correspondente à situação dada, e, como tal — *mais* e *menos* do que artística; no terceiro caso pode dizer-se que já se não trata da Arte, e sim da sua exploração ou profanação.

Explicando, portanto, que o nosso artista tenha da Arte tal concepção e sentimento aristocrático — numa larga significação do termo — e reconhecendo que a terceira nota por mim transcrita da abertura das *Horas* corresponde e corresponderá sempre a uma das suas feições dominantes — deverei agora acentuar os efeitos de semelhante sentimento e concepção.

Resultam dêles: para a sua Obra — uma nobre e altiva independência na ideação e nos processos; para o Poeta — passados, com os verdores da mocidade, os pruridos da extravagância e os exageros *egotistas* — o inquebrantável respeito, de salutar exemplo, por todas as formas do Ideal e da Beleza; para o Homem — reflexo, neste, do artista — uma constante aspiração de perfeição pessoal, paralela às exigências do Esteta, uma ambição de *elegância moral* cada dia realizada com maior evidência, através todos os passos da vida.

Tudo isto se colhe do fundo das curtas frases transcritas, dia a dia confirmadas como dísticos proféticos.

Justifica-se, pois, que eu lhes haja desdobrado o conteúdo em tam longos períodos.

E também me será por certo relevado que eu tenha aproveitado o ensejo dêste prólogo para tentar definir alguns dos principais aspectos do Poeta, enquanto lhe não consagro o desenvolvido trabalho crítico exigido pela sua obra — já tam vasta como bela.

Coimbra, 28 de Junho de 1912.

MANUEL DA SILVA GAIO.





SILVA esotérica para os raros apenas:

abertas as eclusas, corvetas, como catedrais
flutuantes, seguindo inéditos itinerários por atlân-
ticos virgens;

terraço ladrilhado de cipolino e ágata, por
onde o SÍMBOLO passeia, arquiiepiscopal, ar-
rastando flamante simarra bordada de Su-
gestões, que se alastra, oleosa e policroma, nas
lisonjas;

concêrto de adequadas músicas implorativas
ou morosas, raro estridentes;

complicadas decorações de legenda velha man-
telando o pudor dos episódios simples;

preces dum hereje arrependido, votos castos
dum antigo libidinoso, pesadelos e irreligiosas
hesitações dum recente convertido.

Tal a obra que o Poeta concebeu *longe dos bárbaros*, cujos inscientes apupos, — al não é de esperar, — não lograrão desviá-lo do seu nobre e altivo desdém de nefelibata.

E, se DEUS TODO PODEROSO lhe der génio e saúde, para breve novas colheitas.

— Coimbra, Janeiro de 1891.



A EPIFANIA DOS LICORNES

E como para se lucrarem as muitas Indulgencias, que são concedidas aos que praticão este Santo Exercício, he precisa a contemplação dos seus respectivos Mystérios, devem elles estar bem patentes aos olhos da Alma.

FR. FRANCISCO DE JESUS MARIA SARMENTO.



KYRIE eleison, Christe eleison!

Lua deitada, marinheiro a pé...

Lua deitada, marinheiro a pé...

Kyrie eleison, Christe eleison!

Ó toda vestida de lhama, e luciolante de pedrarias,
Ó sempre em meio das sororais polifonias
Dos burcelins, das nubélias gementes, das violas,
Ó sempre insinuante e virginal entre os turíbulos acesos,
Derramadora de eucarísticas esmolos,
Estrêla dos Mareantes, das Orfandades e dos Presos,
Consoladora dos que tombam do andaime
Da Ilusão, SANTA MARIA, MÃE DE DEUS, auxiliai-me!
A minha Mocidade tem cabelos brancos:
Sou o menino que, uma noite, os Saltimbancos
Roubaram; sou o Lis à janela dum palácio em fogo,
E a Noiva lirial numa casa de jôgo.

Qu'é dos idos esplendores dos
Sóis mortos: noivados profanos
em relvas de pastoral, vinhos
cascatantes, ombros ninfais, ca-
ravelas auriflamadas buscando
quiméricas Américas?

Tive puníceo manto que era, no chão, puníceo azeite;
Adaga temperada em Nuremberg,
Em cujo punho uma safira, entre ópalas de leite,
Era uma tülipa azul em Spitzberg.

Tive falcões e falcoeiros,
E nas de pórfiro varandas
De meu castelo, arrabileiros
Tocavam, resplendentes de opalandas;
Tive castelo de granito,
Granito róseo de Siena,
Tive taça de ambar do Egipto,
E colchão de escolhida pena;
Tive leito de faia (tal Salomão), sob cortinas
D'áureos tissus,
Por cobertas, flexuosas popelinas
E colchas tecidas com fios de luz;
Anões em sêda alva de jaspe,
De meu castelo no átrio mudo,
Sôbre as lisonjas de diaspe
Erguiam caudas que eram rios de veludo;
Balsamirrando o manso ar,
Em de cobre babilónicas caçoilas,
Fumegavam resinas do Madagascar,
Do fogo entre as ruivas cenoilas;
Num celeiro ladrilhado de sardónia,
Tive tulhas de pedras raras:
Turquesas do Cairo e da Macedónia,
Diamantes frígidos, sem taras,
Perídotes, obsidianas,
Rubis de Dgiamschid, raiados de sinopla,
Sueiras, esmeraldas de Juba, cimofanas,
Rosicleres de Visapura, jacintos de Constantinopla.

— Os franceses levaram-me tudo: a adaga nuremberguesa, a taça de ambar do Egipto, os rubis de Dgiamschid e as turquesas da Macedónia. ¿Para quando o armistício, para quando?

Tive um parque cheio de lagos
E de cegonhas brancas, como litúrgicas pratas,
Povoado de aromas vagos,
De murmurâncias de cascatas,
E de figuras de basalto;
Onde, em tanque de ágata, um hidro
De ónix vomitava alto
Uma girândola de vidro;
E onde, soberbos como Núncios,
Com suas caudas de ouro ardente,
Iam pavões, sob quincúncios
De rododendros, lentamente, lentamente, lentamente...

Agora o parque é triste, a
cascata calada, os lagos secos:
pelas ruas, por vezes, penas
sôltas dos pavões, que se foram
para outros parques.

Amores venais, concupiscências luciferinas:
Rute, a formosa bruna, e Basalisa, a loura,
Teodora, a ruiva como as tangerinas,
Mas, sôbre todas, Basalisa, a loura...
Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em cális
O seu colo! e seus dedos de digitális!

E quando, numa noite de flagrâncias
(Lembrando isso todo o coração me dói!),
Forte, enleei, após violentas relutâncias,
Suas ancas de Deusa em meus braços de Herói!

Mordoraram-se as apoteóticas
púrpuras da Luxúria: depois
do Escarlata o Branco.
Agora sou casto como um cenobita.

Senhora dos Aflitos! que d'ora em diante Vos pertençam
Todos os meus instantes, meus cuidados e fervores,
Que Vossas Bentas Mãos, num gesto augusto, em bênção,
Diáfanas, mimosas, como abrilinas flores,
Se cruzem, brandas, sôbre os meus cabelos frios,
E me unjam com os Santos-Óleos do Perdão!
Cometi barbaridades, desvarios,
Fui ambicioso, libidinoso, mau cristão...
Mas da Ignorância o ciclo lúgubre fechou-se,
E Vosso Olhar anunciativo, aveludado,
Alpendre dos friorentos, tagante, benéfica Fouce,
Em minh'alma segou a erva do Pecado!

E eis-me agora a Vossos Pés, a agradecer os Benefícios preciosos
Do Vosso Amor, Mãe do Amor! dos Tristes, dos Criminosos,
E a pedir-Vos, de joelhos, que apresseis
A Epifânia dos Olhos-Reis,
Dos Olhos-Reis dA que é cheirosa como o nardo,
DA muito amada Espôsa, que ora aguardo,
DAquela, que hei-de beijar sòmente com os olhos,
DAquela, que hei-de tocar sòmente com a vista,
Companheira de meus jejuns e de meus passeios,

Nos quais Vos colheremos rosas de tocar e açucenas,
Da Bordadora, que há-de enfeitar com finos entremeios
As toalhas dos Vossos Altares, para as místicas Novenas!

(Angelus)

CERTA VOZ:

*Eu sou bela como as corvetas
E as florestas virgens, à tarde,
E a mirra, que, nas cassoletas
De Satsumá, untuosa arde.*

*Minhas mãos longas, familiares
Das simbólicas liturgias,
Exorcismam os maus Pezares
E as violáceas Melancolias.*

*Alma de ouro de fino som,
Foge do mundo, fria Rússia,
E vem dormir sob o edredon
De meus olhares de pelúcia.*

*Vem ouvir os castos dictames
Desta minha boca solteira,
Cactus rubro, que tem por estames
Botões de flor de laranjeira;*

*Vem! subamos prestes, depressa,
Á Tôrre de jaspe da Graça,
Onde mora, — branca Professa, —
A PRECE, toda em alva cassa.*

*Fujamos do mundo nefando,
Onde os Amores metafísicos,
Pobres Amores! vão murchando,
Como pálidos noivos tísicos;*

*Dêste mundo perverso e vão,
Dêstes desertos glaciais,
Onde a esponsalícia união
De nossos corações leais,*

*Sob um céu de luto, no qual
Agonias, Lutos se amorfam,
Seria trágica, augural
Como o batisado dum órfão.*

*Vem! Que de Esperanças te adornes!
Vamos à ilha dos Licornes!*

*Subamos às ilusões gratas,
Num vôo de nefelibatas!*

¡Hossanah! Glória a Deus
nas Alturas, a Deus que deu
vista a quem não via. E nunca
a Lua me pareceu tão de prata!

Vejo duas noviças num quartel:
No azul epitalâmico, entre palmas,
Enlaçam-se em ditongo as DUAS ALMAS,
Longe do Mundo bárbaro e cruel...
Dalmaticadas de alvo brocatel,
Mitradas de ouro, vão cruzando, calmas,
Ao som do ascior de ressonâncias almas,
Seus olhares num monograma fiel.

Da Cidade do Mal aumenta o estrépito;
Numa rubra hemoptise, o Sol decrepito
Golfeja sangue pelo céu grisalho...
Turíbulo da Tarde, um lago fuma,
E, na sua assunção, a LUA é uma
Branca Primeira-Comunhão num Talho...

Bárbaros: uma voz de cetim
branco chamou por mim. Todo
vestido de linho, vou para a
Tôrre do Conceito Puro. Fui
o Fraco e o Negligente e o Dia-
mante de Golconda engastado
em zinco: hoje sou o Beato e o
Mago. Não tenteis compreen-
der-me: não me compreende-
ríeis. Fazei clangorar o olifante
das Paixões ruínas. Serei surdo.
É vinda a hora, muito esperada,
do Livramento.

Ó minhas mãos! formai um electuário de aromas,
De espicinando, de assadulcis, de vetiver e de sarcantos,
E ungi minh'Alma, para que ela surja, clara como os axiomas,
Redolente de aromáticas gomas,
Toda perfumada ante a Rainha de meus cantos...

O meu Coração é tímido e medroso! À porta,
Ó Lua! da Tôrre Branca, ó Lua pálida! conduze-o,
Lá onde a voz da Vida chega esvaída, quási morta,
Como a canção do mar num búzio...

DONA BRIOLANJA

Complicadas decorações de legenda
velha mantelando o pudor dos epis-
sódios simples.



I

DONA Briolanja vai com suas aias
Sob as côr de mosto vesperais olaias.

Vai com suas aias, leva fino leque,
Cauda de veludo pálido, de Utreque.

Leva broche, aonde sangra uma espinela;
Da cinta lhe pende sonora escarcela.

Cantam na escarcela nispas e sequins;
São de lhama os seus rútilos chapins.

Leva anéis de cobre com aventurinas,
Brincos de sueiras, manto de agnelinas.

Dona Briolanja vai com suas aias
Sob as côr de mosto vesperais olaias...

II

Eis que chega à beira da cascata clara
Cuja água canta sonora, sem tara.

Ei-la que se assenta, cheia de torpor,
Entre as suas aias postas em redor.

Eis que diz a uma: *Meus chapins, descalça-mos,*
Unge meus pés brancos com cheirosos bálsamos.

E diz à segunda: *Vai, e na cascata,*
Enche de água viva meu copo de prata.

E diz à terceira: *Dá-me, ó minha aia,*
O meu alvo lenço, leve, de cambraia.

Estes meus cabelos, corre a desprendê-los,
Que um dourado pente morda meus cabelos.

E diz para a quarta: *Traze-me o pesado*
Meu anel de núpcias de ouro martelado.

Uma, em cujo dedo brilha verde euclásia,
Unge-a com dormentes bálsamos da Ásia.

Outra à sua bôca virgem, granadina,
Chega argênteo copo de água adamantina.

A terceira os belos, longos seus cabelos,
Põe-se a penteá-los, põe-se a desprendê-los.

E a quarta em seu dedo branco e fuselado
Põe o anel pesado de ouro martelado.

III

O poente é ruivo, ruivo, de laranja,
O poente é ruivo... Dona Briolanja,

Olhos no morrente sol congestionado,
Olha o seu futuro, lembra o seu passado.

Lembra os tempos idos, idos num momento,
Lembra o refeitório branco do convento,

Mais as tardes claras do Mês de Maria,
Mais o dormitório, mais a portaria,

Mais a cêrca, onde passeou travêssa,
Mais as doces falas doces da Abadessa...

Lembra isto e pensa, coração em gala,
No fiel Eleito, que há-de vir buscá-la,

No Leal e Casto, no Imaculado,
Como o leite branco, como o mel dourado,

Cuja Alma pura, pura e consolante,
É uma Primeira linda Comungante,

Cuja Alma pura, plena de perfumes,
É um Lausperene de fulgentes lumes.

IV

ALVO, como as alvas baptismais cambraias,
Dos astros o pólen polvilha as olaias,

E a Padeira-Noite põe-se a peneirar
Na peneira-Lua a farinha-Luar.

De repente, à beira da cascata clara,
Chega um Cavaleiro de beleza rara.

Traz espada e escudo, escudo e capacete
Com de brancas plumas branco martinete.

Traz guantes de ferro, guantes e gorjal,
Brigandina de aço, traz lança e punhal.

— *Quem é o Ousado, que, por horas mortas,
A transpor se atreve minhas férreas portas?*

*Quem sois vós, dissei-o, que vindes assim
Tão ousadamente? Que quereis de mim?*

*Quem sois vós, dissei-o! Se é a minha mão
Que pedir me vindes, não vo-la dou, não.*

*Quero conservá-la pura, como a neve,
Para o meu espôso, que há-de vir em breve.*

*Ide-vos embora, meu querer é rei,
Ide-vos embora, não vo-la darei...*

*— Dona Briolanja, flor de meu cuidado,
Sou o vosso espôso, sou o vosso amado.*

*Venho de bem longe, trago os pés em sangue,
Venho quási morto, combalido e exangue.*

*Á vossa procura, dormi aos relentos,
Atravessei rios, prados lamacentos.*

*Sem desvelos calmos, sem mansos carinhos,
Piquei-me nas urzes duras dos caminhos.*

*Dai-me que eu descanse, sob o luar sidério,
Em vossa alma, brando, tépido agnistério!*

*Sou leal e casto, sou imaculado,
Como o leite branco, como o mel dourado.*

*Fino grão dourado de ambar de Sabá,
Meu amor honesto vos perfumará!*

*Dona Briolanja ouve atentamente:
Sua linda bôca, toda rescendente,*

Abre-se num riso sem palavras, mudo,
Num sorriso mudo, todo de veludo.

E com gesto ingénuo dá ao seu amado
Seu anel de núpcias, de ouro martelado.

V

Os sinos despertam montanhas e vales,
Os músicos tangem trompas e atabales.

A capela explende, toda iluminada,
Toda atapetada, toda perfumada.

Ciriais de prata luzem sôbre o altar,
Turíbulos de ouro dançam pelo ar.

No ar lento fumam gômas aromáticas,
Brilham as navetas, brilham as dalmáticas,

Brilham os lincúrios belos do cibório,
E no de brocado fôfo faldistório,

De brocado caro, que o lustre salitra,
O Bispo preside, de báculo e mitra,

Todo de alvas rendas, todo de vermelhos,
Com o gremial pôsto nos joelhos.

Eis que alfim lá surge, gracilmente esbelta,
Cabelos em domo, fresca bôca em delta,

Orelhas em concha, busto albirosado,
Dona Briolanja com seu noivo ao lado.

Vai de branco e pura como as brancas palas,
Frágil véu de rendas, peitoral de opalas.

Toda, toda branca, toda em sêda branca,
Sua cauda é lácteo tanque que se estanca.

Comovido, ajoelha o lindo par nupcial
Num de rica lhama rico sital.

Gemem os psalsérios, gemem as violas,
Brilham as casulas, brilham as estolas.

Ciriais de prata luzem sôbre o altar
Turíbulos de ouro dançam pelo ar,

E o Bispo, arrastando sua rubra capa,
Lança aos dois Esposos a bênção do Papa.



LONGE DOS BÁRBAROS

Fœda est in coitu et brevis voluptas
Et tædet Veneris statim peractæ.

PETRONIUS.



I

A POMBA DA ARCA

FIM das discórdias, das querelas.
Entram no pôrto claro as esperadas caravelas!

O arco-iris fulgurou depois dos lutos do dilúvio,
O hospital abandonado foi mudado em alva creche...
O hospital abandonado está mudado em alva creche,
O arco-iris fulgurou depois dos lutos do dilúvio.

Com ramos verdes de oliveira,
Que a minh'alma branca, de leite,
Com ramos verdes de oliveira,
Que a minh'alma branca se enfeite
Com ramos verdes de oliveira.

Fôra um reinado mau de ignorância e pecado.
Mas sôbre o meu ferido peito, Deus louvado!
Brilhava ainda a prateada, a medalhinha benta,
Que ao meu pescoço dedos maternais haviam pôsto,
Antes da hora da tormenta,
Antes da hora do desgosto.

E o Filho-Pródigo voltou arrependido,
E o tresmalhado, o cordeiro perdido,
Voltou para o redil, depois de andar pelas charneças áridas;
E as viridas cantáridas
Cessaram de voar sôbre a valeriana,
E onde o rubi sangrava branquejou a cimofana,
E depois da tourada houve Mês de Maria...
E est'alma que era, neste mundo sem abrigo,
Como noite nupcial em leito de enfermaria,
Como um casamento na capela dum jazigo,
Est'alma viu surgir por fim a sua Gémea, a sua Eleita,
Sob um pálio de luz, a amena Flor perfeita,
Lábios abertos num sorriso anunciativo,
Todo católico, de amor, e nada erótico,
E doce e pura, como um serafim que um Primitivo
Iluminasse num evangeliário gótico!

Graças Te dou, ó Mãe de Deus! ó Clemente!
Que pisaste com Teus Pés brancos a Serpente.
Graças Te dou e Te peço, ó Tôrre de Marfim,
Que protejas a minha Espôsa e que me protejas a mim,
E a comunhão das nossas almas geminadas,
E o comércio de nossas vontades paralelas;
E, agradecidos, do Teu Altar nas toalhas bordadas
Rosas esfolharemos e acenderemos velas.

E o nosso amor será todo honesto e sem beijos!
Será um jubileu de cândidos desejos,
Amor cheio de paz eucarística,
Amor de poeta doido, amor de infanta mística,
Amor sereno, amor sem paroxismos,
Amor levado até aos mais leais bizantinismos...

E numa casa longe dos que mentem, dos maus,
Onde não chegue a voz do irreligioso cáos,
Longe dos herejes, dos perversos,
Lerei a Bíblia, e cantarei, em doces versos,
Tua divina formosura, teus encantos,
Os teus milagres e os milagres dos Santos;
E Ela, com suas mãos ogivais,
Bordará cruce signatos corporais.





II

A CISTERNA FIEL

Às horas vesperais, em musicais teorias,
Tranças floridas com aromáticas ervas,
Rindo com bôcas que eram harpas e pionias,
Vinhão chegando, lentamente, as lindas Servas.
Às horas vesperais, em musicais teorias.

As horas vesperais, entre o nevoeiro lácteo,
Vinhão chegando em gracil ritmo, lento e nobre:
E, a sorrir e a cantar, na cisterna do páteo,
Enchiam, gracilmente, as ânforas de cobre,
Às horas vesperais, entre o nevoeiro lácteo.

Para que enchiam suas ânforas as Servas?
Assim que as ânforas esguias eram cheias,
Logo as despejavam e enchiam e, entre as ervas,
A água da cisterna ia formando cheias...
Para que enchiam suas ânforas as Servas?

De mil constelações à luz discreta e flava,
Musselinas de incenso erravam pelas áleas...
Riam as Servas e cantavam... e soava
No mármore do chão o couro das sandálias,
De mil constelações à luz discreta e flava.

Doce, branca e fiel Rainha das Amadas,
Que afagaste com mãos de arminho a minha mágoa,
O mármore do chão é gasto das passadas,
Mas a cisterna tem ainda muita água,
Doce, branca e fiel Rainha das Amadas!





III

VASO DE ELEIÇÃO

Ó Senhora de olhos castanhos,
Ó cibório da minha idea,
Ó divina estação de banhos,
Onde a minh'alma veraneia,

Lá do fundo do meu destêrro,
Do meu miasmático paúl,
Baile branco depois de um entêrro,
Ouvi a tua voz azul.

Ouvi tua voz cristalina
Como um vinho astral de labrusca,
E, à luz da lua de platina,
Parti logo, vim logo em busca

Do teu amor, sonhada Meca
Redolente de frangipana,
Amor que, do mal que me obseca,
É guarita, alpendre e otomana.

Foragido de um mundo falso,
Onde estive em áspero exílio,
Todo cheio de pó, descalço,
Venho pedir o teu auxílio.

Meu peito débil e doente,
E minhas mágoas, purifique-as
O teu olhar, candil ardente,
Lucescente como as Relíquias.

Esta minha melancolia,
Ó Senhora núbil! dilui-a
Na crepuscular calmaria
De teus olhos, branca Aleluia.

Sê, ó Lis feudal mal aberto,
Ó alma e fina Alma terna,
A cisterna do meu deserto,
E a estrêla azul desta cisterna.

E sê a cêrca do hospital,
A cêrca amiga, a cêrca imensa,
Toda virida e vespéral
Para a minha convalescença.

Dá-me fôrça no sofrimento!
Meus doridos males, abrange-los...
Que a tua voz, cheiroso unguento,
Da minha tarde seja o Angelus!

Que o teu algente busto de Hóstia
Se encoste branco nos meus ombros,
Que essa láctea brancura de Hóstia
Me revista, como um Véu de ombros.

Sê o vetiver e a escalónia,
O sisimbro, o nardo, o ciclamen,
E aromatiza-me *per omnia*
Sæcula sæculorum. Amen.





IV

PELAS LANDES, Á NOITE

PELAS landes e pelas dunas
Andam os magros como pregos,
Os lóbos magros como pregos,
Pelas landes e pelas dunas.

Olhos de fósforo, esfaimados,
Numa pavorosa alcateia,
Andam, andam buscando ceia,
Olhos de fósforo, esfaimados.

Nas landes grandes, junto às dunas,
Um menino perdido anda,
Anda perdido, a chorar anda,
Nas landes, junto às brunas dunas.

Senhor Deus de Misericórdia,
Protegei o róseo menino,
Protegei o róseo menino,
Senhor Deus de Misericórdia,

Porque nas landes e nas dunas
Andam os magros como pregos,
Os lóbos magros como pregos,
Nas grandes landes e nas dunas.





V

UM CACTO NO POLO

JULGUEI que se tinha levantado um obelisco místico no meio da praça; e que o obelisco dava uma sombra azul; e que tinham acendido um fogão no quarto húmido; e que tinham dado alta ao doente.

Julguei que nascia o sol à meia noite; e que uma bôca muda me falava; e que esfolhavam lírios sôbre o meu peito; e que havia uma novena ao pé do Jardim de Aclimação.

Uma bôca muda me falou; mas o obelisco, de ténue que era, não deu sombra; e o fogão não aqueceu o quarto húmido; e o doente teve uma recaída.

E o clown entrou, folião, na Igreja; e fez jogos malabares com os cibórios e os turíbulos; e tornou a nevar; e, após os brandos etésios, soprou o mistral forte.

E na alcova branca entrou a Dama expulsa, cujo corpo é de ambar e cera e todo rescendente de um matrimónio

aromal de mirra e valeriana, a Dama dos flexuosos e vertiginosos dedos rosados.

E seus cabelos de czarina eram claros como a estôpa e finos como as teias de aranha; e seu ventre alvo, de estéril, era todo azul, todo azul de tatuagens.

E a Educanda fugiu do Recolhimento; e com a Dama expulsa passei a noite em branco; e a noite foi toda escarlate.

E no dia seguinte, em vez dos sacros livros, que de ordinário me deleitam, li Schopenhauer, e achei Artur Schopenhauer setecentas vezes superior a todos os Doutores da Igreja.





VI

QUANDO A MORTE VIER

QUANDO a Morte vier,
Será por uma madrugada pálida...
Quando a Morte vier,
Quero que estejas junto de mim, medrosa e pálida,
Quando a Morte vier...
E serão bem comovidos nossos adeuses,
Quando a Morte vier...
E hei-de dizer adeus aos teus olhos doridos como adeuses,
Quando a Morte vier;
E deitarão serradura de madeira à porta,
Quando a Morte vier,
Por causa dos carros que passarem à porta,
Quando a Morte vier;
E tu irás buscar as colchas de Damasco,
Quando a Morte vier,
E deitarás sobre o meu leito as rubras colchas de Damasco,
Quando a Morte vier;
E os sinos graves hão-de chamar à Extrema-Unção,
Quando a Morte vier,
E o Padre há-de vir dar-me a Extrema-Unção,
Quando a Morte vier;

E o povo nas escadas cantará o *Bemdito*,
Quando a Morte vier,
E hás-de estremecer ao ouvir o *Bemdito*,
Quando a Morte vier;
E a lamparina será branca ao pé dos frascos dos remédios,
Quando a Morte vier;
E o enfermeiro deixará de me afligir com mais remédios,
Quando a Morte vier;
E a minh'alma será toda confusa, ó meu Deus!
Quando a Morte vier,
Por se ver prestes a subir à morada de Deus,
Quando a Morte vier;
E o relógio da sala de jantar há-de dar horas,
Quando a Morte vier,
E então estarão contadas minhas horas,
Quando a Morte vier;
E a minha cabeça descaírá no travesseiro,
Quando a Morte vier,
E tu ageitarás minha cabeça no travesseiro,
Quando a Morte vier;
E, vendo braços e parados os meus olhos,
Quando a Morte vier,
Compadecida, cerrarás meus braços olhos,
Quando a Morte vier;
Duas Irmãs de Caridade hão-de velar junto ao meu leito,
Quando a Morte vier,
E não te afastarás um só minuto do meu leito,
Quando a Morte vier;
E como há-de ser preciso um caixão para o meu cadáver,
Quando a Morte vier,
Um homem de negro virá medir o meu cadáver,
Quando a Morte vier;
E vestirão o meu quarto de trabalho todo de luto,
Quando a Morte vier;

E os criados andarão de preto e tu de pesado luto,
Quando a Morte vier;
E fecharão as portas das janelas,
Quando a Morte vier,
E a luz mal poderá entrar p'las físgas das janelas,
Quando a Morte vier;
E teus olhos andarão, pobres olhos! todos pisados,
Quando a Morte vier,
E de quando em quando hão-de humedecer-se teus olhos pisados,
Quando a Morte vier;
E por toda a casa será um cheiro de alfazema e fenol,
Quando a Morte vier,
E há-de perturbar a tua pobre cabeça o cheiro do fenol,
Quando a Morte vier;
E toda a gente andarà nos bicos dos pés,
Quando a Morte vier,
E será bem singular ver toda a gente nos bicos dos pés,
Quando a Morte vier;
E, sem corda, o relógio deixará de dar horas,
Quando a Morte vier;
E, decorridas vinte e quatro horas,
Quando a Morte vier,
Chegarão os Padres, de sobrepeliz, e o Prior,
Quando a Morte vier,
E será de veludo preto a estola do Prior,
Quando a Morte vier;
E tu que me tens visto tanta vez,
Quando a Morte vier,
Hás-de querer ver-me pela última vez,
Quando a Morte vier;
E, enchugando as tuas lágrimas com o teu lenço,
Quando a Morte vier,
Cubrirás meu rosto de marfim velho com teu lenço,
Quando a Morte vier;

E depois hão-de levar-me para a Igreja,
Quando a Morte vier,
E começarão os ofícios na Igreja,
Quando a Morte vier;
E após hão-de levar-me ao cemitério,
Quando a Morte vier;
E, para ver o entêrro do Poeta, o povo inundará o cemitério,
Quando a Morte vier;
E depois hão-de abrir meu pesado caixão,
Quando a Morte vier,
E hão-de encher de cal o meu caixão,
Quando a Morte vier;
E nessa noite não dormirás um segundo,
Quando a Morte vier,
E há-de parecer-te um século cada segundo,
Quando a Morte vier;
E, por minha alma, mandarás dizer trezentas missas,
Quando a Morte vier,
E, não mais saíras a não ser para as missas,
Quando a Morte vier,
E ninguém tornará a ver teus mansos olhos,
Quando a Morte vier,
E nunca mais haverá alegria nos teus olhos.





VII

BALADA

UM hospício de velhas alienadas,
Sem cêrca, sem Irmãs, sem enfermeiras;
Mortas de fome, as pobres desvairadas
Eram tão brancas como as travesseiras;
As jarras sôbre o altar ermas de flores,
Ia já longe a última novena,
Crescia a erva pelos corredores...
Mas tu vieste sororal e amena.

Ninguém tratava as velhas doidas presas...
Uma planeava rútilas viagens;
Outra, doida por luxos e riquezas,
Julgava ter castelo, manto e pagens;
Outra fantasiava sensuais
Requintes de luxúria; e a mais serena
Sonhava amores fiéis, espirituais...
Mas tu vieste sororal e amena.

Um grande incêndio inesperadamente
O hospício destruiu em fúria flava,
E das velhinhas escapou sômente
A que em amores só leais pensava.

Mas em seu corpo quanta queimadela!
Queimados os cabelos, dava pena
Vê-la em meio das ruínas, pobre dela!
Mas TU vieste sororal e amena.

OFERTA

Princesa, a ti meus versos! Se, alva e esguia,
Não afrontasses, branca, as de verbena
Chamas, a pobre louca morreria...
Mas TU vieste sororal e amena.





VIII

EPÍLOGO

Não perpetuemos a dor, sejamos castos,
Sejamos castos, duma castidade maga,
Tu como Inês, a santa de cabelos bastos,
Eu como o puro e honesto São Luís Gonzaga.

A pureza convém às almas como as nossas,
As mucosas só tentam as almas vulgares;
Rosácea mística o sorrir com que me adoças
Seja! e argênteo Pax-tecum sejam teus olhares.

Não são tuas gracilidades de pucela
Que me prendem. Do Arcanjo o resplendente gládio
Decapitou a luxúria que fere e gela:
O que eu adoro é teu coração de vanádio.

Em tempos mortos folheei velhos infólios
De Calepédia, infólios velhos, bem quiméricos;
Porém da continência os puros Santos-Óleos
Ungiram-me, e, nos leais planaltos esotéricos,

Onde meu coração católico e monárquico
Ora vive distante dos perversos trilhos,
Sempre distante das paixões do mundo anárquico,
Peço a Deus poderoso que nos não dê filhos.

Nossa vida de reclusos brancos alinde-a
O Lis: a volúpia condenável, alague-a
Dos Licornes o olhar! E que nunca da Índia
Tenhamos de mandar vir a PEDRA DA ÁGUIA.

Será lamentável não ver toda florida
De risos filiais a roseira do amor;
Porém tu sabes, Casa de Ouro! o que é a vida
Sejamos castos, não perpetuemos a dor.

Lascivas seduções, nunca mais me tenteis,
Vós que outrora do corpo meu rainhas ereis!
Virgo fidelis, que haja em teus sorrisos-reis
O perene frescor do riso das estéreis!

1890-1891.

LAUS DEO.

III

Silva

BIBLIOGRAFIA

Impressa em Corbeil (França), na tipografia de Ed. Crété, e ilustrada com o retrato do autor, em heliogravura, a primeira edição de *Silva* appareceu em 1894, editada pelo livreiro lisbonense Manuel Gomes.

A segunda edição foi publicada em 1911 (Pôrto, Magalhães & Moniz, L.^{da} — editores).



ENGRINALDA-ME COM TEUS BRAÇOS!

TEU corpo de ambar, gótico, afilado,
Sempre velado de cheirosos linhos,
Teu corpo, aprilino prado,
Por onde o meu desejo, pastor brando,
Risonho há-de viver, pastoreando
Meus beijos, desinquietos cordeirinhos,
Teu corpo é esbelto, ó zagala esguia,
Como as harpas que o pai de Salomão tangia!

Teu corpo eléctrico, ogival,
Núbil, sequinho, perturbante,
É uma dispensa real:
Os teus olhos são duas cabacinhas
Cheias dum vinho estonteante
Os teus dentes são alvas camarinhas,
Os teus dedos, suavíssimos espargos,
E os teus seios, pêssegos verdes mas não amargos.

Lira de nervos, glória das trigueiras,
Como tu és graciosa! As laranjeiras,
Desde que viste o sol com êsses sóis amados,
Só vinte vezes perfumaram noivados!

Nobre e graciosa és, morena das morenas,
Como as senhoras de olhos belos,
Que passeavam nos jardins de Atenas
Com uma cigarra de ouro nos cabelos!

Como tu, eu sou moço! e atrevido
Como Anceu, rei de Samos,
E jamais caçador me fez vencido,
Quando, caçando o javali, ando entre os ramos.
O meu peito é de jaspe, a minha voz macia,
Meus olhos ágeis e dourados como abelhas,
E, para que as colhas, minha bôca sadia
É um orvalhado cabazinho de groselhas.

Novos e alegres somos! Ah! que em breve
Nossas bôcas se colem voluptuosas;
Vamos sonhar e toucar-nos de rosas,
Emquanto há sol, enquanto não cai neve!
Não te demores,
Ó cheia de graça,
Que os dias correm voadores,
E a mocidade passa...
A mocidade passa... e, um dia, ó meus pecados,
A tua bôca vermelha
Será uma rosa velha,
E minhas mãos uns lírios fanados...

E então, velhinhos combalidos,
Como dois galhos ressequidos
Sem fôlhas e sem pomos,
Lembrar-nos hemos do que hoje somos,
Ó maravilha
De graciosidade!
Como dum filho e duma filha
Que nos morressem na flor da idade!



ENXUGA OS OLHOS, COROA-ME DE BEIJOS!

Quelle est la plus belle destinée? Avoir
du génie et rester obscur...

J. BARBEY D'AUREVILLY.

VENDO-ME obscuro, vendo-me ignorado,
Toda te magoas, toda te amofinas:
Teu rosto macerado
É como uma estrada de lágrimas finas.

Teu luto em alegria se transforme!
Enche de luar teus olhos amenos!
— As labaredas duram menos
Que a fulva brasa que nas cinzas dorme...

Minha velhinha de vinte anos! adormece
A tua dor precoce:
— O borborinho da quermesse
Apaga a música mais doce...

Vem aquecer-te, friorenta! ao lume
Do meu orgulho abrasador:
— Há uma estranha, misteriosa flor,
Que só de noite tem perfume...

Que a Esperança estrangule os Desenganos!
— Há estrêlas cuja luz, flor que vives a vê-las,
Gasta, para chegar à terra, imensos anos:
Meus versos são irmãos dessas estrêlas!





MÃOS

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
O vosso gesto é como um balouçar de palma;
O vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso gesto canta!
Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
Rolas à volta da negra tôrre da minh'alma...

Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...

Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos côr de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.





CANTIGA

EMBORA, Senhora, andeis
De finas telas vestida,
Por meus olhos sois despida.

De clara holanda vestis
Vosso corpo, linda Infanta,
Belo rocal de rubis
Vela-me a vossa garganta;
Trazeis manto de veludo,
Garbosa saia comprida,
Mas, apesar disso tudo,
Por meus olhos sois despida.

Através das ricas vestes,
Que nos vestem, linda Infanta,
Adivinho os dons celestes
Do vosso corpo de santa;
Vossas vestes de cetim,
Vestes com que andais vestida,
De vidro são para mim:
Por meus olhos sois despida.

Vejo-vos só mãos e cara,
Mas não preciso ver mais
Para calcular a rara
Graça do que me ocultais...
Para quê rendas e folhos,
Senhora da minha vida,
Se por estes tristes olhos,
Por meus olhos sois despida?





QUO NON ASCENDAM?

LÍDIA, ó toda de espinhos,
Toda de fel!
Transforma os teus desdêns em tépidos carinhos,
Êsse vinagre em mel!

Torna-os macios, de veludo,
Os modos com que agora me envenenas,
Torne-se em brando coxim de penas
Teu coração, gelado escudo.

Ó vaidoso rubim,
Quero-te dócil, complacente, inerte!
Sê orgulhosa para os outros; para mim,
Sê rasteirinha como um verme!

Tratas os outros com maciezas de azeite,
E êles, em paga, dão-te jóias finas,
Fios de corais, anéis de aventurinas
E peitorais com jaspes côr de leite.

Porém, o que êles te não dão,
Lídia, rubim de orgulho e de vaidade,
Flor de requinte e de agressão,
É immortalidade.

É essa asa de ouro, viva e pura,
Com que eu
Hei-de tirar-te desta vida escura
E conduzir-te ao vasto, iluminado céu!

Levanta os olhos ao ancoradouro
Das altas esperanças:
Deixa-os brincar, lindas crianças,
Com suas irmãs de ouro...

Que formigueiro de ouro! Que de estrêlas!
Que fogo de artifício singular
Para uma boda real! E quasi todas elas
Têm nomes de encantar,

Nomes de deusas enamoradas
E de rainhas de olhos de violetas,
De rainhas e deusas celebradas
Pelos poetas.

Aquela é Cassiopeia,
Espôsa de Cefeu, o pai cruento,
Rainha alva como a lua-cheia,
Das nereides tormento.

Brilha além sua filha, a desditosa
Andrómeda, inocente e côr de opala,
Que Perseu foi livrar, na fraga tenebrosa,
Do fero monstro que ia devorá-la.

Aquela é Venus...
E quantas, quantas mais
Não perpetuam, nos céus amenos,
Amores imortais!

Lídia! dos teus desdêns o áspero basalto,
Transforma-o, Lídia, em branda cera,
Que, em recompensa, cantarei, bem alto,
Do teu corpo a divina primavera!

Meu estro vencerá o tempo e o espaço!
E os homens do futuro, Lídia bela,
Arrancando o teu nome aos versos que te faço
Baptizarão com êle alguma nova estrêla!





CANÇÃO

A ANTÓNIO DE OLIVEIRA SOARES

Eu canto amores,
Ao sol e ao luar,
Eu canto amores
Mas não posso amar.

Canto amores ao som da frauta e do pandeiro,
Mas já não posso amar...
O meu amor era marinheiro
E morreu no mar.

Tranças côr de amora, tranças côr do linho,
Estou cheio de dores,
Estou entrevadinho,
Já não posso amar...
Mas canto amores
Ao sol e ao luar...

Tranças côr de amora, tranças côr do linho,
Quando me ouvis cantar sob as ramagens,
Sou qual pilôto entrevadinho
Descrevendo as suas viagens.

Eu canto amores,
Ao sol e ao luar,
Eu canto amores
Mas não posso amar

Todas as flores são murchas,
E mortas todas as estrêlas...
Sou como um doido, lindas Donzelas!
Que se enfeitasse com rosas murchas...





ECLOGA

À SENHORA CONDESSA DE SABUGOSA E DE MURÇA

INÊS, a loura como os girassóis,
Lírio puro, inviolado,
Vai, à sombra, fiando os cândidos lençóis
Do seu noivado.
Sua estriga, dourada como o dia,
Tão perto está de seus cabelos belos,
Que a gente fica sem saber o que ela fia,
Se o louro linho, se os seus cabelos.

Vendo-me, Inês, a côr de neve,
Sua delgada roca e seu fuso abandona,
E corre ao meu encontro, alegre e leve,
Toda em sorrisos de beladona.

— *Marcos, foi Deus
Que aqui te trouxe;
Deserta estou p'los beijos teus,
P'los doces beijos dessa bôca doce...
Dêstes limoeiros sob os verdes arcos,
Andava a scismar, fiando
Os lençóis onde sonharemos, quando
Formos casadinhos... Mas que traças, Marcos?*

*Vens muito cansado? Chega aqui, descança...
Queres merendar? vem ao teu amor:
Aqui tens o mel desta comprida trança
E o queijinho fresco dêste seio em flor...
Senta-te comigo nesta verde gruta,
Dize-me o que queres, o que mais desejas...
Não queres mel nem queijo? Gostas mais de fruta?
Aqui tens meus lábios, aqui tens cerejas.*

*Que lindas cerejas, que brincos divinos
Para uma princesa, inda a mais cimeira!
Que os teus lábios, doidos, travessos meninos,
Venham colhê-las na cerejeira...*

*Mas não me beijas? Que te fiz eu? Estás mal comigo?
Não me respondes? Fazes-me louca...
Já não és meu amigo,
Já aborreces a minha bôca...*

*— Inês, mimo de graça e de frescura,
Põe um açaimo nos teus desejos...
Não te cases, sê sempre ingénua e pura...
Semeia mágoas quem colhe beijos...*

*Da loura Inês o labial rubim
Tornou-se opala de lunar palor,
Opala triste que se abriu assim:
— Já me não tens amor! O que é o amor!*

*Tomei-lhe as mãos magrinhas, desmaiadas
Como lírios convalescentes,
Tristes como Rainhas doentes
Pedindo esmola pelas estradas.*

— *Sabes o que é o amor?* então lhe perguntei...
Chorava o vento sôbre nós...
E com uma voz, que era uma sombra de voz,
Inês me disse: — *Marcos, não sei...*

— *Vou ensinar-te o que é o amor. Vamos!*

Partimos,

Fomos andando pela tarde branda e terna,
Té que chegámos a uma cisterna
Amortalhada de verdes limos.
Anoitecia... O sol poente
Punha um incêndio no mar alto,
E do alto mar, em sobressalto,
Nervosamente, febrilmente,
As ondas com seus mantos de cambraia
Vinhão pedir socorro à praia.

— *Inês, ingénua que te perdes*
Pela Ilusão! não vês uma estrelinha pura
A arder no escuro da cisterna escura,
Como uma esp'rança nuns olhos verdes?

— *Bem a vejo, Marcos, bem a vejo a arder,*
Chamejando, ruiva, entre águas de gêlo;
Quem ma dera ter
Para o meu cabelo!...

— *Pois bem! É tua a estrêla prateada,*
Vai apanhá-la, se a apetece tanto...

— *Zombas comigo, meu encanto,*
Se eu a fôsse apanhar, morreria afogada...

— Disseste bem, Inês, ingénua cabecinha,
Cuja inocência me consterna...
Que tu saibas, porém, que o amor é uma estrelinha
A arder numa cisterna;
Não a queiras colhêr, sejam puros teus dias,
Sejam sempre puras tuas lindas faces,
Não a queiras colhêr, que, onde julgasses
A fortuna encontrar, a morte encontrarias.
Levanta os olhos às constelações,
Lava no luar as mãos,
Enfeita com jasmims as tuas ambições...

E beijámo-nos como dois irmãos...





BAILE DE MÁSCARAS

MEU semblante é alegre
Como uma ceia de rapazes;
Meus olhos saltam de contentes
Quando vêem olhos amigos:
E, até para os indiferentes,
A minha boca é cheia de risos...
Mas a minha alma é triste
Como a filha dum condenado à morte.

Sou como uma criada alegre e sadia,
Levando a passear, num carrinho de mão,
Uma criança paralítica...



SEMPER EADEM

Ao DR. ANTÔNIO CANDIDO

*Numa floresta, ao entardecer.
Andam no ar, polvilhado de
ouro, agonias de músicas sil-
vestres. Sentado num plátano
caído, um Pastor, desgrenhado
como um doido, e lindo como um
anjo, junta as suas queixas às
de uma fonte que chora perto.*

CANSADAS de fazer, vãmente, apelos vãos,
Adormeceram no meu jardim as tocadoras de harpa
(A aranha fez um tear de cada harpa...),
E as harpas de marfim caíram-lhes das mãos...

Os lagos do jardim tornaram-se em paúis,
Os repuxos leais calaram-se nos lagos,
Cantando, os cisnes afogaram-se nos lagos,
Sardas de outono, as folhas secas navegaram nos paúis...

Partiram, ao som das violas, as comungantes virgens,
E voitaram, depois, vestidas de viúvas...
Esverdeado, um halo, anunciador de chuvas,
Nimbou a Lua, mãe das Comungantes virgens...

Desdourou-se a tiara astral dA que não veio,
O temporal despedaçou a cristalina estufa,
Um lírio de veludo preto, entre as ruínas da estufa,
Nasceu com sete espadas a martirizar-lhe o seio...

E a Donzela, que aguardava a vinda flava das estrêlas,
Cegou... A noite desceu das escarpas...
Cessaram no ar silente as angústias das harpas...
E nunca mais houve estrêlas...

*Súbito, os olhos do Pastor
correm atrás duma Donzela que
passa, toda de branco, sôbre as
fôlhas sêcas do caminho.*

Se fôsse há meses, tê-la-ia amado!
Teria pôsto o meu cuidado
Em suas mãos magrinhas e graciosas,
E teria esfolhado,
Sob os seus passos, alfazema e rosas...

Retrato vivo dA que foi A mais amada
(A mais amada foi A mais perversa!),
Vendo-a passar, supponho
Voltar à era, sempre recordada,
Em que a minh'alma andava imersa
Na teia de ouro dum estrelado sonho...

Vêde-a, meus olhos, vêde-a e dizei
Se aquele ar de flor de outubro,
Se aqueles olhos todos líquidos (que nem sei
Como inda não apagaram o incêndio daquela boca!),
Se aqueles olhos, céus da meia-noite, se aquela boca,
Rosa de outubro,

Se a curva musical daqueles seios,
Se aquelas mãos de defunta, floridas de veios
Ceruleos, se aqueles belos
Cabelos
(Noite em fio), se toda ela
Não vos recorda aquela
Trigueira
Que untou meu coração com mel,
E que o expôs, depois, às vespas, a infiel
Que desfolhou jasmins sôbre a fogueira...

Sossega, alma! *esta* não é a verdadeira...

(E, entretanto, quem sabe se amei a outra
Amando esta,
Postoque, amando esta,
Suponha amar a outra?)

Sossega, alma! e não lembres com suspiros vãos
A fereza da pessoa surpreendente,
Cujas divinas mãos
Te crucificaram b̃arbaramente;
Não memores as memoráveis contendas
Daquele tempo de ingenuidade lirial,
Não memores a ironia daquele peito sem igual,
—Víboras sob rendas...

(Mas, entre as cinzas, há ainda brasas...)

Se fôsse há meses amaria esta,
Mas hoje a cisterna é sêca, a falena queimou as asas...
Há um palácio abandonado na floresta...

Teria amado esta...
Amando esta, julgaria amar a outra,
Tudo o que eu lhe dissesse teria sido dito,
Beijando esta, julgaria beijar a outra,
Tudo o que eu lhe escrevesse teria sido escrito.

E êste amor seria semelhante ao de dois
Amados, que a corveta
Da morte houvesse levado, e que depois
Fôssem continuar a amar-se noutro planeta.

E se esta fôsse dócil, simples, mimosa,
Pediria a Deus que a fizesse dura e vaidosa,
Para que a analogia fôsse completa...

Espectro da minha martirizadora,
Passa! não escureças mais meu viver triste...
Jóia! Perfume! Amuleto! Aurora!
Não buscarei nos teus olhos o que lá não existe...
Que o meu olhar ao teu não se consagre...
Deixa dormir minh'alma sonolenta...

*Toda de branco, a Donzela
desaparece, ao longe, na som-
bra dos castanheiros. Súbita-
mente, sôbre os castanheiros,
aparece a Lua, toda de branco,
como a Donzela. Lindo como
um anjo, o Pastor olha mara-
vilhadamente a Lua...*

Que estais vendo meus olhos? Que milagre
É êste que ante vós se representa?

Dir-se-ia que a Donzela, desmaiada,
Que a pura Virgem de rosto lindo,
De vós fugindo,
Subiu ao céu em Lua transformada...

Lua! Tanit! Astártea! Consolação
Dos sombrios! Globo e Fouce!
Semeadora de Ilusões! Que esta Ilusão
Seja p'ra mim uma verdade doce!
E vós, cansados olhos meus,
Tão fatigados da mundana guerra,
Já que a não tendes adorado na terra,
Adorai-a nos céus!





AS FIANDEIRAS

A OLIVEIRA MARTINS

UMA donzela e uma velhinha estão fiando: a donzela vestida de branco, a velhinha vestida de negro.

O fuso duma é de cristal; o da outra é de madeira de cipreste.

A donzela fia e canta; a velhinha fia e chora.

É meia noite. Os poços tomam a comunhão do luar.

A donzela fia os lençóis para o meu noivado, a velhinha fia a minha mortalha. A donzela fia devagar: o fuso da velhinha corre ligeiro.

— *Donzela que estás fiando os lençóis para o meu noivado, fia, fia mais depressa, que estou deserto, por dormir com os meus amores.*

O fuso duma é de cristal; o da outra é de madeira de cipreste.

— *Velhinha, que estás fiando a minha mortalha, fia, fia mais devagarinho, não tenhas tanta pressa. Bem vêes que sou muito novo e apegado à vida. A minha noiva é graciosa como as palmeiras, e a minha alma branca como as hóstias. Deita-te a dormir, amanhã continuarás...*

Amanheceu.

O rio que passa na paisagem, passa vagaroso, exânime, cansado de ter andado toda a noite.

A velhinha infatigável acabou a sua obra: está fiada a minha mortalha.

Quanto à donzela, adormeceu: ficou em meio a sua tarefa.

E o seu fuso de cristal está partido no chão, em migalhas: migalhas que parecem lágrimas ou diamantes caídos dum diadema...





SUPERBIA

A COLUMBANO

EXILADO, Senhor! neste Val' de Amargura,
Neste áspero destêrro,
Triste, vejo passar, na noite fria e escura,
Das minhas ilusões o dramático entêrro.

Tornaram-se em poeira os meus altos Castelos
E as minhas Tôrres de Maravilhas...
Choro sangue, Senhor! e arranco os meus cabelos,
Como um rei assistindo à agonia das filhas.

Deus de Paz e de Amor! tomai a minha alma
Em vossas puras mãos,
Dai-lhe a gloriosa, a verde, a apetecida palma
E a dalmática astral dos mártires cristãos!

Faz-se cinzento o meu abril flavo e vermelho,
E os meus desejos fogem do mundo venenoso,
Como virgens fugindo às luxúrias dum velho,
Como jasmins fugindo aos dedos dum leproso.

O meu entusiasmo é um tísico a morrer,
Sem noiva, sem parentes,
Uma morte num berço, um paço real a arder...
— Ai da minha alma, toda cheinha de doentes!

A desgraça tornou-me inerme, simples, quedo,
Puro como os junquinhos dos valados;
Minha vaidade está no degrêdo
E os meus amores crucificados...

Piedade e compaixão medram, alvas e finas,
No meu sombrio ser flagelado de penas,
Como duas fiéis, graciosas açucenas
No triste páteo dum palácio em ruínas.

Sonhos, ostentações, — tudo morto... desfeito...
Dos meus antigos bens, só me ficou, Senhor,
O meu orgulho, um grande orgulho que, em meu peito,
É um diadema na cabeça dum pastor!

Não mo tires, Senhor, é tudo o que me resta!
Dá-mo em paga de tanto ódio e vilipêndio...
Deixa-o iluminar a minha dor funesta,
Grande rubi a arder entre as cinzas dum incêndio!

Aos teus olhos, meu Deus, o orgulho é um pecado
Uma erva daninha,
Um filtro estonteador, um filtro envenenado...
Mas a culpa, Senhor! a culpa não é minha!

Tirar-mo, era tirar à escura noite a lua!
Vê as chagas cruéis que o meu peito consomem...
Não mo tires, Senhor! a culpa é toda tua:
Eu devera ser anjo e tu fizeste-me homem!



NOCTURNO

A JEAN-FRANÇOIS RAFFAËLLI

Je suis celui au cœur vestu de noir.

CH. D'ORLÉANS.

Na viúvez da alameda
Andam bailes de fôlhas sêcas...
Paísagem vaga como o avêssô duma sêda...
O crepúsculo põe veludos nas charnecas...

Como Princesas desfloradas,
Numa floresta, p'los ladrões,
As altas árvores magoadas,
Que o vento abraça aos repelões,
Choram num côro de aflições,
Hirtas, medrosas, despenteadas...

Tudo cinzento, tudo cinzento...
As fontes chamam umas pelas outras...
Como lanças hostis, ao vento,
Tremem as canas do canavial...
E as fontes chamam umas pelas outras,
Como cegas perdidas num pinhal...

Como esbeltas Imperatrizes
Bàrbaramente destronadas,
As grandes árvores magoadas
Choram hirtas, despenteadas...
Estalam no chão suas raízes,
Cortam-lhe a alma sete espadas...
— Pobres Rainhas que o vento humilha,
Rainhas de golpeado peito,
De qual de vós há-de ser feito
O berço estreito da minha filha?

Ergue-se a Lua de cabelos brancos...
Ao luar, as montanhas são grisalhas...
Ao luar, os mortos põem a secar suas mortalhas...
E a Lua penteia seus cabelos brancos...

Pelas desertas avenidas,
Longas, tristíssimas, profundas,
As altas árvores doridas
São como santas moribundas...
— Árvores negras, cuja voz
Me enche de espinhos o coração,
De qual de vós, de qual de vós
Há-de ser feito o meu caixão?

Calou-se o vento... Um céu de ouros macios...
Como uma doce, afável enfermeira,
A Lua põe-se à cabeceira
Das águas doentes nos paúis sombrios...

Morto, cansado dos seus giros,
O vendaval foi-se deitar,
E os arvoredos, ao luar,
Não choram já, só dão suspiros...

— Ó sequiosas da manhã,
Ó sequiosas de luz nova,
Onde estará a vossa irmã
Que há-de dar sombra à minha cova?





ASILO

A STÉPHANE MALLARMÉ

CASARÃO rico de aparência pobre:
ASILO DA MENDICIDADE.

Um pano preto, esfarrapado cobre
A pedra de armas, semelhante a um pobre...
Sôbre a porta, negra cisterna de humidade,
Em letras pardas, realçadas de cobre:
ASILO DA MENDICIDADE.

Asilo das velhinhas sem netos,
Asilo das que foram lindas e hoje são aleijadas,
Asilo dos velhinhos desprezados p'los netos,
E dos que não têm filhas, só enteadas...

Asilo de almas que são urnas de cinza,
Asilo de almas sombrias como as adegas,
Asilo das que tiveram lindos olhos e estão cegas,
E lindas tranças de ouro, agora côr de cinza.
Alguns foram jardineiros: o asilo não tem jardim...
Outras viveram no campo; o asilo é pobre, não tem horta...
Alguns foram almocreves: do asilo é fechada a porta...

O sol parece a agonia dum rubim,
O sol doente, o sol ardente, o sol de outono!

Às janelas do Asilo aglomeram-se as cabeças
Dos asilados — pobres almas em abandono!
Alvas cabeças, frias cabeças,
Bustos de esmalte, perfis de jóia,
Cabeças trágicas de Góia.

Murcham, ao longe, os ouros claros das gavelas...
No mar ocidental há um naufrágio de espinelas...

As velhinhas têm todas lenços brancos,
Que as tornam novas, num espiritual disfarce:
Parecem duma creche, essas janelas,
E a agitação dos lenços brancos
Lembra uma roseira branca a desfolhar-se.

Surge uma lua de cera...
Teias de aranha nas janelas; ar de frio, de desalento...
Ah! os velhos sem movimento,
Como figuras de cera!

Passa na rua, em baixo, um bando de saltimbancos,
E, a admirá-los, detrás dos vidros embaciados,
Agitam-se os lenços brancos
Mais as figuras de cera...
Pálidas mãos limpam os vidros embaciados
Pela respiração...

Mas aí dos velhos e das velhas! De saltimbancos
Não houve, sob as janelas, a divertida função...
Aquietam-se os lenços brancos
Mais as figuras de cera...

Ardem, em face, dum teatro as varandas luminosas:
O gás flameja entre festões,
Palpitam ombros nus, frontes cobertas de rosas...
Depois, morre uma voz por entre aclamações...
Os asilados olham as varandas luminosas...

A noite desce aveludadamente calma.

Sinto velhinhas à janela da minh'alma...





JUDITE, DULCE, LAVÍNIA E OUTRAS

A ANTÓNIO FEIJÓ

JUDITE, a que possui
Trança mole e dourada como o azeite;
Dulce, a doce; Lavínia, a hostil e côr de leite,
De quem um escravo fui;
Violante, desespêro do marfim
E glória das trigueiras,
Linda e maldosa como um jardim
Rodeado de silveiras;
Maria, a pura como um lírio de altar;
Lia, a de tranças de silvestre amora,
E Guiomar, a embriagante Guiomar,
Viciosa como a imperatriz Teodora,
Todas elas, todas! eu quisera amar,
Todas elas, todas! eu quisera ter!
Amá-las de fugida,
Amá-las de partida,
Prendendo-as sem me prender...
Quisera amá-las
Como o rio ama as flor's da margem debruçadas:
Vê-las, beijá-las, abraçá-las,
Embalsamar-me em suas bôcas perfumadas

Dum perfume sem par,
Prendendo-as sem me prender,
E abalando como o rio para o mar,
P'ra nunca mais as ver...





RIMANCE

A RAMALHO ORTIGÃO

MEIA noite, meia noite,
Da velha torre caía,
Em seu camarim real
A bela Ausenda cosia.
Tela que estava cosendo
De fina prata par'cia;
Junto dela, sua mãe
Em cama de ouro dormia...

Longo mantinho de lustro
Seu esbelto corpo envolvia,
Anel que tinha no dedo
Frechas de côr despedia.
Passos na escada se ouviram,
Passos de alguém que subia,
Ouvindo tal, a Princesa
A abrir a porta corria.
Ouvindo o gemer da porta,
A mãe os olhos abria,

Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que anda abrindo portas,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Senhora mãe, é o vento*
Que abre as portas do jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia;
Vendo-a dormir, Dona Ausenda
À porta se dirigia.
A um gesto da bela Ausenda,
Um cavaleiro apar'cia,
De cochonilha mimosa
Era o gibão que vestia.
Em belo cinto bordado
Punhal de prata trazia;
Nos braços do cavaleiro
Dona Ausenda se metia.
Ao barulho dos abraços,
A mãe os olhos abria,
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que está aos abraços,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Senhora mãe, são as árvores*
Que se abraçam no jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia;
Vendo-a a dormir, Dona Ausenda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços dêle,
Nos seus braços se metia;

Forte corrente de beijos
Aquelas bôcas prendia.
Ao barulho dêsses beijos,
A mãe os olhos abria,
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que está dando beijos,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Não são beijos, são as fontes,*
São as fontes do jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia. . .
Vendo-a a dormir, Dona Ausenda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços dêle,
Nos seus braços se metia;
Era de sêda lavrada
O corpete que a cingia.
Contra o peito, o cavaleiro
Contra o peito a comprimia,
Com tanta fôrça que a sêda
Do seu corpete rangia.
Com êsse ranger de sêda,
A mãe os olhos abria,
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem está machucando sêdas,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *É o vento que arrasta fôlhas,*
Fôlhas sêcas no jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia;

Vendo-a dormir, Dona Ausenda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços dêle,
Nos seus braços se metia,
E aos beijos do seu amado
Seus lindos seios abria.
O cavaleiro os beijava
De tal arte que par'cia
Que os não estava beijando,
Antes que nêles mordida.
Com êsse morder de seios,
A mãe os olhos abria
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem anda mordendo seios,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *É o jardineiro que morde*
Frutas verdes no jardim.





CIRCE

MINH'ALMA, onde se miravam rosas,
É hoje, Lídia do meu coração,
Um altar de primeira comunhão
Enfeitado com plantas venenosas.

Meus desejos, noviças côr de lua,
Passeando andavam entre esbeltos lírios,
Quando apar'ceste serpentina e nua,
Derramadora de letais delírios.

Viram-te os puros como a aurora,
E, deslumbrados pelo sol do teu cabelo,
Foram atrás de ti, cisnes de prata e gêlo,
Atrás da guardadora.

Tu lhes disseste cousas de endoidar
Ascetas e abadessas...
Como em taças de ouro, nas suas cabeças,
Simbólicos jasmims fanaram-se a chorar.

Nos braços das luxúrias condenadas
Foram deitar-se os meus amores,
Como róseas Princesas invioladas
Oferecendo-se aos salteadores.

Minha inocência chora sangue sob os teus beijos,
Como fria cabeça espetada num poste...
Lídia! qual Circe foste:
— Em porcos transformaste os meus puros desejos!





DE TOLEDO PARA O MAR...

AO CONDE DE SABUGOSA

Rio de aço e vidro.
Sentadas nas colinas marginais,
As casas olham o espectáculo das águas.

Branças meninas, brincando
Com um velhinho de cabelos alvos e olhos verdes,
À flor da água, gaivotas voam:
— *Tejo! avôzinho das gaivotas!*

Dourado como um cibório,
O Sol banha-se na corrente:
— *Tejo! sala de termas do Sol!*

Num navio, partem emigrantes:
— *Tejo! caminho da Ambição!*

Os emigrantes partiram,
As Mães soluçam pelos cais:
— *Tejo! desespero das Mães!*

Voltam emigrantes do Brasil...
Foram puros, trazem as almas oxidadas...
Têm vergonha de abraçar as Mães humildes:
— *Tejo! desespero das Mães!*

Num sombrio vaso de guerra,
Os degredados vão para o degrêdo:
— *Tejo! claro sonho das enxovias!*

Partem os degredados,
E as suas noivas choram sangue,
À beira do rio:
— *Tejo! angústia das Noivas feridas!*

Os faróis
Vermelhos, verdes e dourados,
Os faróis das embarcações
Destilam pedrarias:
— *Tejo! montra de joalheiro!*

Duzentos remos tem a galeota real,
A galeota de ouro
Onde vão as Filhas do Rei:
— *Tejo! recreio de Princesas!*

A Abadessa do convento dos Astros, a Lua,
A Abadessa mais as suas pupilas
Miram-se nas mansas, prateadas águas:
— *Tejo! espelho da Lua e das Estrêlas!*

Noite calma...
Um velho deita-se a afogar:
— *Tejo! descanso dos Aflitos!*

E o rio brando,
O rio de aço e vidro ardente,
Entra no mar, como uma noiva entrando
No tálamo nupcial, medrosamente.





OS TÍICOS

A MAURICE MAETERLINCK

EM outubro. A serra é coberta de neve,
Scenogràficamente branca...
Arquitecturas de prata e neve...
A serra é scenogràficamente branca...

Brancura das donzelas amortalhadas,
Brancura de leite, brancura de hóstia,
Zaimph astral, toalhas de altar e véus de fadas...
Pureza de hóstia, brancura de hóstia...

Mas eis que vejo no femíneo colo
Da serra, clangorando com dureza,
Sangrentos tons de telha marselhesa:
— Incêndio ruivo no polo!

Ah! o rubor da serra branca e honesta,
Intenso como o rubor dos tísicos...
— Felizes tardes, santo pastor, que povoação é esta?
— É o Sanatório dos Tísicos.

Som de sineta. Êles lá vêm, bôcas vermelhas como cactos,
Olhos profundos, ossos e peles...
Tão magros andam que os seus fatos
Dir-se-ia que não são dêles.

Oh! essas calças vazias, essas mãos longas, sem pulsos,
E êsses casacos, largos de mais, aflando à viração leve...
Há tempestades de tosse, e alguns escarram, convulsos,
Papoulas na pura neve.

Que pena causam as donzelas
Já no último grau, magrinhas e simpáticas!
Parecem flores de estimação! Passam regatas de estrêlas
Em seus olhos, doces noites aquaticas.

Vêde aquele tisicozinho, acariciando um cão,
E aquele velho mirrado, todo florido de junquilhos,
E aquela pobre irmã, acompanhando o irmão,
E aquelas mães atrás dos condenados filhos.

Não há espelhos na serra... Olhai aquela rapariga
Tísica, ao pé dum tísico, seu noivo...
Penteia os seus cabelos côr de estriga
Aos olhos claros do seu noivo!

E aquele camponês e aquele soldado conversando!
Vêde êste avô levando
Ao colo o neto, que é quási um homem!
Vêde os mancebos imberbes, olhando, cheios de desejos,
As virgens cujos olhos ardentes os consmem!
E aqueles noivos, quási muribundos, aos beijos!

E os tísicos, espiritualmente anestesiados,
Alegremente vão, dramáticas figuras,
Sonhando sonhos arco-irisados,
Noivados puros, beijos profanos, vilegiaturas...

Arquitectos febris de castelos no ar,
Não vendo a Morte, pastora má, que anda a guardá-los,
Êles lá vão, lá vão, a sonhar, a sonhar,
Julgando a vida um paraíso de regalos.

Crêem-se quási sãos, e vão pelas estradas,
Tão absortos nas suas infantis ilusões,
Que não ouvem as frias marteladas
Do carpinteiro que faz os mortuários caixões.

E lá vão, sob o sol, celibatário tísico,
A sonhar, a sonhar, como ingénuas crianças...
— Jesus! meu bom Jesus! dai-me que eu morra tísico,
Para que ainda uma vez torne a ter esperanças!





A ALEIJADINHA

A BALTASAR FREIRE CABRAL

À beira duma estrada,
Está uma aleijadinha
Pedindo esmola.

Na estrada passam ranchos,
Ranchos alegres para a romaria...
Chove ouro.
Ao som dos alaúdes, as virgens cantam...

Nos pomares,
As laranjeiras estão de branco, como as noivas...
E as virgens, cantando ao som dos alaúdes,
Descem aos pomares
E põem flores de laranjeira nos cabelos...
A aleijadinha pede esmola,
A aleijadinha é triste, os ranchos são alegres:
Dir-se-ia uma dança em volta duma tumba.

A aleijadinha pede esmola:
A sua voz é côr de cinza,
E suas mãos implorantes, côr de barro cozido,

Parecem flores pisadas...
A aleijadinha pede esmola
Mas ninguém a ouve.

E todos fogem dela,
E, ao vê-la, todos ficam desgostosos,
Como noivos que, à ida para a igreja,
Encontrassem um entêrro.

É noite...
A estrada é deserta...
Afastaram-se os ranchos...
Fanou-se a angústia dos alaúdes...

Chovisca. Baça nuvem
Veste a aleijada de diamantes...
Suas mãos, côr de barro cozido,
Suas mãos, onde não cantou o riso duma esmola,
Fecham-se como flores pisadas,
Morrendo de sêde na poeira.

A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
A baça nuvem foi-se...
E, toda vestida de diamantes,
A aleijadinha parece uma princesa...

A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
E para esquecer a fome
Põe-se a contar as estrêlas...



FILHA DE REI GUARDANDO PATOS

Ao CONDE DE ARNOSO

La force de l'intelligence et de la sensibilité appartient à ceux-là seuls qui vivent dans un contact sincère avec leur moi.

MAURICE BARRÈS.

—*Manhã de ouro. Uma Donzela, sobrenaturalmente linda, o luar dos seus pés sôbre a relva húmida, vai, pela margem de uma ribeira, conduzindo um rancho de patos. Paisagem solitária. Os patos deitam-se à água, que o sol enche de gemas; a Donzela fica a despir-se, sob uma tangerineira carregada de frutos.*

—LINDA sou como as harpas e os navios!

Pelas manhãs serenas,
Nos voluptuosos, lânguidos estios,
Quando o ar parece de veludo e penas,

Saio da minha gruta hospitaleira
E, despindo-me ao pé desta ribeira,
Que flui num curso vagaroso e liso,
Sempre cantante, sempre plangente,
Fico a admirar-me, nua, na corrente,
Namorada de mim, como Narciso...

Ai, meus olhos azuis! como eu sou linda,
E como sois felizes, pois me vêdes,
Vós que vos balouçais, com graça infinda,
Das minhas veias nas cerúleas rêdes!
Olhos felizes, olhos sem iguais,
Lindos berilos para o meu cabelo,
Quando o meu alvo seio contemplais,
Sois dois meninos a brincar no gêlo...

Como eu sou linda! eu, a côr de lua,
Eu, que nas várzeas vou guardando patos,
Eu, o encanto dos límpidos regatos,
Que correm léguas só para me verem nua!
Filha de Inferno, p'la beleza desmedida,
E, p'la pureza ideal, filha do Céu,
Que alguém se dispa quando eu estou despida,
Que alguém se atreva a ser mais linda que eu!

— *Desaperta o corpete: apa-
rece a alvorada do seu peito.*

Meus seios redondinhos, perfumados,
Trago-os ao peito como dois filhos amados,
Como dois gémeos vestidinhos de luar...
E a dor da minha bôca é não poder beijar
A framboesa que cada um tem no meio...
Que sobremesa para um Deus, êste meu seio!

— *Completamente nua, avança para a ribeira, onde se mira.*

Água, vais possuir-me!

Que alguém se afoite
A ser mais linda que eu! Tão pálida, tão fria
Aqui me tens, que, apesar de ser dourado o dia,
Parece que me bate o luar da meia noite...
Água puríssima, água castíssima, que trazes
O aroma das magnólias e lilases
Que tu molhaste quando vinhas ver-me,
Beija-me a doce, lânguida epiderme,
Beija-me toda, toda! as ancas e os artelhos,
Os meus ombros de lírio e os meus lábios vermelhos...
Águas virgens, beijai a minha virgindade!

— *Entra na ribeira. Trémula, a água sobe-lhe aos peitos.*

Ah! que doçura! que frescura! que suavidade!
Água, água de prata, ah! não me abraças tanto,
Não me apertes tão forte,
Não me beijes assim, água, meu doce encanto...
Dentro de ti como seria doce a morte!
Água, és de gelo e no entretanto acendes
Brasas ardentes nas minhas veias;
Dir-se-ia que tens mãos e que nelas me prendes,
E braços de cristal e que nêles me enleias...

Ah! mas tu tens razão,
Água de prata que me enervas:
As águas também têm coração
E eu ouço agora o teu soluçando entre as ervas...

Água cantante, como tu és misteriosa!
És sempre outra e sempre a mesma, água cantante,
Mal me beijas, já vais distante,
Água cantante, misteriosa!

Água de sêda, água chorosa,
Onde me vejo,
Quando me banho em ti, sou qual bôca amorosa,
Que em lábios desiguais aspira o mesmo beijo.

Amada água, côr das minhas esperanças,
És como o meu desejo:
Corres p'ra me alcançar e foges se me alcanças...

Mas como és fria para mim, serpe de endeixas,
Verde canal de luminosas pratas...
Porque me deixas? porque me deixas?
Porque não paras tu, gelando, e me não matas?

*— Insectos couraçados de ouro
e pedrarias pousam nos seus
cabelos, como jóias. A Donzela
acaricia-se e embrulha-se com
o veludo líquido da água. Os
seus pés alvejam como seixos.
Súbito, num gracioso movi-
mento de náide, salta para a
margem, sacudindo os cabelos
de ouro que lançam no ar uma
poeira de prata.*

Olhando a água:

E corres sempre...

Vai! é êsse o teu destino,
Vai para o mar, soltando os teus adágios,

Tu que és hoje mais dócil que um menino,
E que amanhã farás aflições e naufrágios.

Caminha, pois é escrito que me deixes,
Tu que hoje beijas meus seios redondos,
E amanhã rolarás cadáveres hediondos,
De náufragos, roídos pelos peixes...
Vai! Celebrando esta garganta de jasmins,
Embala o sono das ondinas glaciais,
Que se enfeitam com búrios e corais
Reclinadas no dorso dos delfins...

— *Vendo-se cheia de gotas de
água.*

Correndo para o mar, toda chorosa, a água
Enfeitou-me com lágrimas; fiéis,
Assim os noivos muribundos dão anéis
Às noivas líriais, brancas de mágoa...

Pobre água! Ela lá vai num ritmo amargurado,
Com seus prantos molhando os troncos e as raízes;
Percorrerá léguas, regará países,
Sempre co'a tristeza de me ter deixado...
Pobre água cristalina!
Beijou-me e partiu, como um condenado
Que beijasse a noiva ao pé da guilhotina...
Longe de mim, nas noites silenciosas,
Não podendo voltar para trás, sem poder
Tornar a ver meu corpo, às nuvens gloriosas
Subirá, e cairá, em orvalho, nas rosas,
P'ra me tornar a ver...
Águas verdes, da côr do alecrim do norte,
Que grande chuva, que triste chuva deve haver
No dia da minha morte!

—*Mirando-se na corrente:*

Como eu sou linda!

Fina como uma flor, flexível como um vime!

Como eu sou linda! como eu sou linda!

—*Erguendo do chão a túnica
de linho:*

Pálidas aias, minhas mãos, vesti-me!

—*Os patos saem da ribeira,
coçando-se com os bicos.*

Lá vêm aqueles de quem sou amiga,
Amiga, senhora e escrava;
Quando os conduzo, canto esta cantiga,
Que a minha ama antigamente me cantava:

Pato aqui,

Pato ali,

Filha de rei, guardando patos,

Foi cousa que nunca vi...

—*Os patos acocoram-se a uma
sombra. A Donzela começa a
vestir-se.*

Eu sou filha dum Rei, nasci entre grandezas,
Comi em pratos de ouro;
Lincúrios, prázios, jades e turquesas
Incendiaram meu cabelo louro;
Finas lhamas, veludos lisonjeiros
Vestiram meu corpo em flor;
Tive açafatas, damas de honor,
Galgos, falcões e alabardeiros;

Quando eu passava, linda como as fadas,
Eu, a amargura dos jasmims,
Lançavam flor's pelas escadas
E pó de prata nos jardins;
E a meus pés magros, afilados,
Brilhavam fulvos sitiais,
Onde ajoelhavam, deslumbrados,
Príncipes, Duques, Cardeais...
E eu sempre triste nesse luxo! e eu só contente
Quando, distante dessa opulência real,
Nua como o luar, me banhava indolente
Do meu espelho no frígido cristal!
E eu exilada do meu deleite,
Achando tudo vil, pobre, sem arrebol!
Não pode ver a luz do azeite
Quem se acostuma a ver o sol...
E eu sempre triste, sempre triste... Até que um dia,
Com alegre ousadia,
Deixei riqueza, sumptuosidade,
Só p'lo prazer
De me ver,
De me adorar à vontade...
Deixei grandezas,
Leito de prata e pratos de ouro,
Deixei lincúrios e torquesas
Que incendiavam meu cabelo louro,
E vim viver ao pé dêste regato
Onde passo, vestida de ventura,
A contemplar-me, conservando intacto
O mistério da minha formosura,
Onde guardo patos, dos quais sou amiga,
Amiga, senhora e escrava,
Cantando esta cantiga
Que a minha ama antigamente me cantava:

*Pato aqui,
Pato ali,
Filha de rei, guardando patos,
Foi cousa que nunca vi...*

*— Deita-se na relva, fazendo
travesseiro do seu braço.*

Se meu Pai, de joelhos,
Buscar-me agora viesse,
Desprezaria rogos e conselhos...
Viverei só: ninguém no mundo me merece...

— Adormece.



ÍNDICE

	Pág.
NOTA PREAMBULAR	7

I

COARISTOS

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO	11
SÔBRE A PRIMEIRA EDIÇÃO	15
PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO	19
I	29
II	33
III	37
IV	40
V	46
VI	47
VII	51
VIII	53
IX	54
X	57
XI	58
XII	62
XIII	63
XIV	64
XV	68

II

HORAS

	Pág.
PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO	73
ANTELÓQUIO	93
A EPIFANIA DOS LICORNES	95
DONA BRIOLANJA:	
I	107
II	108
III	110
IV	112
V	115
LONGE DOS BÁRBAROS:	
I. A pomba da Arca	119
II. A cisterna fiel	122
III. Vaso de eleição	124
IV. Pelas landes, à noite	127
V. Um cacto no polo	129
VI. Quando a Morte vier	131
VII. Balada	135
VIII. Epílogo	137

III

SILVA

Engrinalda-me com teus braços!	141
Enxuga os olhos, coroa-me de beijos!	143
Mãos	145
Cantiga	147
Quo non ascendam?	149
Canção	152
Écloga	154
Baile de máscaras	158

	Pág.
Semper eadem	159
As fiandeiras	164
Superbia	166
Nocturno	168
Asilo	171
Judite, Dulce, Lavínia e outras	174
Rimance	176
Circe	180
De Toledo para o mar	182
Os Tísicos	185
A Aleijadinha	188
Filha de Rei guardando patos	190





*Desta edição fez-se uma tiragem especial
de 25 exemplares em papel Mezena,
numerados e rubricados pelo autor.*

ACABOU DE SE IMPRIMIR ÊSTE VOLUME,

AOS VINTE DIAS DO MÊS DE MARÇO

DE MIL NOVECENTOS E VINTE

SETE, NA IMPRENSA

NACIONAL DE

LISBOA



LVMEN
EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

RUA DO MUNDO, 116, 1.º
LISBOA



PQ9261. C4 1927 V1



a39001



004185792b

5720

